

PAISAGEM CULTURAL: COSTURAS TARENTINO-TIROLEASAS



ESTA OBRA É DE ACESSO ABERTO. É PERMITIDA A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTA OBRA, DESDE QUE CITADA A FONTE E RESPEITANDO A LICENÇA CREATIVE COMMONS INDICADA

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Instituto de Arquitetura e Urbanismo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S133p Saes, Raquel Correa
Paisagem cultural: costuras trentino-tirolesas /
Raquel Correa Saes. -- São Carlos, 2021.
143 p.

Trabalho de Graduação Integrado (Graduação em
Arquitetura e Urbanismo) -- Instituto de Arquitetura
e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2021.

1. Paisagem cultural. 2. Memória. 3. Costuras
urbanas. I. Título.

Bibliotecária responsável pela estrutura de catalogação da publicação de acordo com a AACR2:
Brianda de Oliveira Ordonho Sígolo - CRB - 8/8229

PAISAGEM CULTURAL: COSTURAS TRENTINO-TIROLEASAS

Comissão de Acompanhamento Permanente (CAP)

Aline Coelho Sanches

Amanda Saba Ruggiero

Kelen Almeida Dornelles

Joubert José Lancha

Orientadora do Grupo de Trabalho (GT)

Simone Helena Tanoue Vizioli



Instituto de Arquitetura e Urbanismo

Universidade de São Paulo (IAU USP)

Trabalho de Graduação Integrado II

Dezembro 2021

Raquel Correa Saes

 QUESTÕES	6
 LEITURAS URBANAS	20
 AÇÕES PROJETAIS	80
 REFERÊNCIAS.....	142

1. QUESTÕES

Como resultado de processos que tentavam esclarecer as vertentes do patrimônio cultural, adota-se, pela UNESCO (1992) e pelo IPHAN (2009), uma nova categoria chamada de paisagem cultural. A paisagem é tida como o “conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza.” (SANTOS, 2006, p. 66)

Visto que a definição de paisagem cultural pela UNESCO e o critério de seleção das paisagens a ser preservadas pela humanidade baseiam-se em uma visão eurocêntrica, adota-se aqui o conceito definido pelo IPHAN, o qual define a paisagem cultural brasileira como

“uma porção do território com características peculiares, produto de relações que os grupos sociais estabeleceram com a natureza, relações estas que podem aparecer fisicamente na forma de marcas, ou por meio de valores que lhes são atribuídos socialmente” (IPHAN, 2009).

Frente à grande riqueza de manifestações culturais existentes pelo território do Brasil, é fato que são ainda insuficientes os instrumentos de preservação dessas manifestações, muitas delas enquadrando-se no conceito de paisagem cultural.

A paisagem cultural é algo recente, não apenas no Brasil, mas também no mundo, tendo nascido no âmbito da Organização das Nações Unidas, em 1992, retomando uma discussão marcada principalmente pela dicotomia entre paisagem cultural e natural. Scifoni (2017 apud PEREIRA, 2019) destaca que tal dicotomia já havia sido superada no âmbito da geografia, quando Carl Sauer publicou *The morphology of landscape*, afirmando que não se tratam de dois objetos distintos, mas duas partes de um único objeto, a paisagem.

objetos distintos, mas duas partes de um único objeto, a paisagem.

Conforme afirma Pereira (2019), a paisagem como produto do trabalho humano não implica na eliminação dos traços da natureza, os quais se encontram sempre ali presentes, embora algumas vezes imperceptíveis. A paisagem é algo que incorpora os valores humanos, sendo lida de acordo com as relações afetivas que os grupos estabelecem com os lugares em que a vida humana acontece.

Verifica-se no contexto atual maior preocupação com patrimônio cultural, que podem ser observadas em forma de inúmeros instrumentos na tentativa de enquadrar a maior quantidade e variedade de bens patrimoniais. Observa-se também o aumento da consideração de objetos a serem incluídos como de valor patrimonial, baseando-se na “valorização da diversidade cultural, de unidade nacional a partir da pluralidade cultural” (COSTA E SERRES, 2016), valorização esta que sofre influência do conceito antropológico de cultura, possibilitando a inclusão não só de bens artísticos e históricos, mas também de manifestações culturais, como hábitos, tradições e costumes, que envolviam realizações da vida em sociedade.

Da perspectiva de compreensão da noção de paisagem envolvendo os elementos materiais e imateriais, naturais e culturais que se dá sua apropriação no contexto patrimonial e sua transformação em categoria de bem patrimonial, que busca valorizar a relação dos grupos com o meio em que vivem.

Como dito por Costa e Serres (2016), o conceito de paisagem cultural parecia indicar uma nova abordagem dentro da área de patrimônio, de maneira a “contemplar referências culturais de grupos ainda não envolvidos diretamente com as ações preservacionistas, em uma

tentativa de incluir sua(s) memória(s) e identidade(s) no discurso patrimonial nacional.”

Assim, enfrenta-se no Brasil o desafio de reconhecer e preservar as paisagens culturais espalhadas pelo território, além da criação de instrumentos que possam garantir a proteção do patrimônio, já que, como afirma Pereira (2019) ao falar sobre o caso do inventário intitulado Roteiros Nacionais de Imigração, “constatou-se que apenas o tombamento não era suficiente para garantir a preservação do patrimônio relacionado à imigração, tendo em vista que suas especificidades não repousam apenas nos aspectos materiais, mas em toda a dinâmica social, cultural e econômica que caracterizam tais espaços.” Sendo assim, como funciona o processo de reconhecimento e consolidação de uma paisagem cultural e seus elementos constituintes? Na busca por esse processo, como os projetos de arquitetura e urbanismo podem, além de contribuir para a preservação, legitimar e enaltecer a importância de uma paisagem cultural brasileira para o local e para a comunidade em que está inserida?

Vale ressaltar que o conceito de paisagem cultural é, de certa forma, complexo e bastante abrangente, o que permite a identificação de projetos que trabalham com vertentes relacionadas ao assunto, mas que não são unicamente eficazes em sua totalidade, mas sim em sua parcialidade. Ações como o reconhecimento das localidades de Valença (BA), Vila Elesbão (AP) e Pitimbu (PB) foram de extrema importância para a constituição do inventário Barcos do Brasil, que tinha como objetivo a preservação e valorização do patrimônio naval brasileiro. Uma outra iniciativa que ressalta a importância desse tipo

de levantamento e reconhecimento do valor patrimonial é o Inventário Cultural do Rio São Francisco, que reúne histórias construídas e vividas pela população de Minas Gerais, resgatando crenças, festas, comidas, fazeres, organizações coletivas, lutas pela terra e pelo rio, reinventando o imaginário do sertão e da água.

Projetos como a Ladeira da Misericórdia, em Salvador, da arquiteta Lina Bo Bardi, evidenciam características abordadas pela definição de paisagem cultural, e o projeto de revitalização de um dos galpões do Engenho Central de Piracicaba, que resultou na criação do Teatro Erotides de Campos, trabalhando com as características marcantes dos galpões do engenho e do seu papel constituinte na paisagem do Rio Piracicaba. Outro projeto que pode ser apontado como exemplo da apropriação do conceito estudado é a Escola Fazenda Canuanã, que traz principalmente na materialidade características da paisagem cultural local.

1.1. REFERÊNCIAS CONCEITUAIS

Ladeira da Misericórdia

Arquiteta: Lina Bo Bardi, Marcelo C. Ferraz e Marcelo Suzuki.

Ano: 1987.

Local: Salvador, Bahia.

Fonte: ArchDaily, 2014.



Localizada no Pelourinho, a obra foi escolhida como laboratório para o Plano de Recuperação do Centro Histórico da Bahia. Interessa ao trabalho por sua característica de conexão entre o antigo e o novo, além da ligação entre a parte alta e a parte baixa da colina. É interessante observar como os arquitetos propõem as intervenções, preservando os elementos de valor histórico e instituindo um diálogo com os novos elementos.



Teatro Erotídes de Campos

Escritório Brasil Arquitetura

Ano: 2010.

Local: Piracicaba, São Paulo.

Fonte: ArchDaily, 2012.



O Teatro do Engenho, como também é conhecido, tem uma forte presença do passado em seu projeto, já que trata-se de uma intervenção em um galpão existente. É interessante observar como essa intervenção é realizada, de modo a ser nova, porém sem causar desconforto para quem a observa, a ocupa, ativando todo o espaço ao seu redor e fazendo referência à história e à paisagem do local.



Escola Fazenda Canuanã

Escritórios Aleph Zero e Rosenbaum

Ano: 2017.

Local: Formoso do Araguaia, Tocantins.

Fonte: ArchDaily, 2020.



A escola foi projetada a partir de uma série de pesquisas com os próprios alunos e envolve a existência de três biomas diferentes no mesmo terreno. Compreende aspectos da cultura e hábitos locais, além de incorporar a tradição e o contexto econômico e histórico do local. É interessante observar a forma como esses aspectos aparecem no projeto, sendo traduzidos por exemplo, por meio de técnicas e materiais específicos da região.



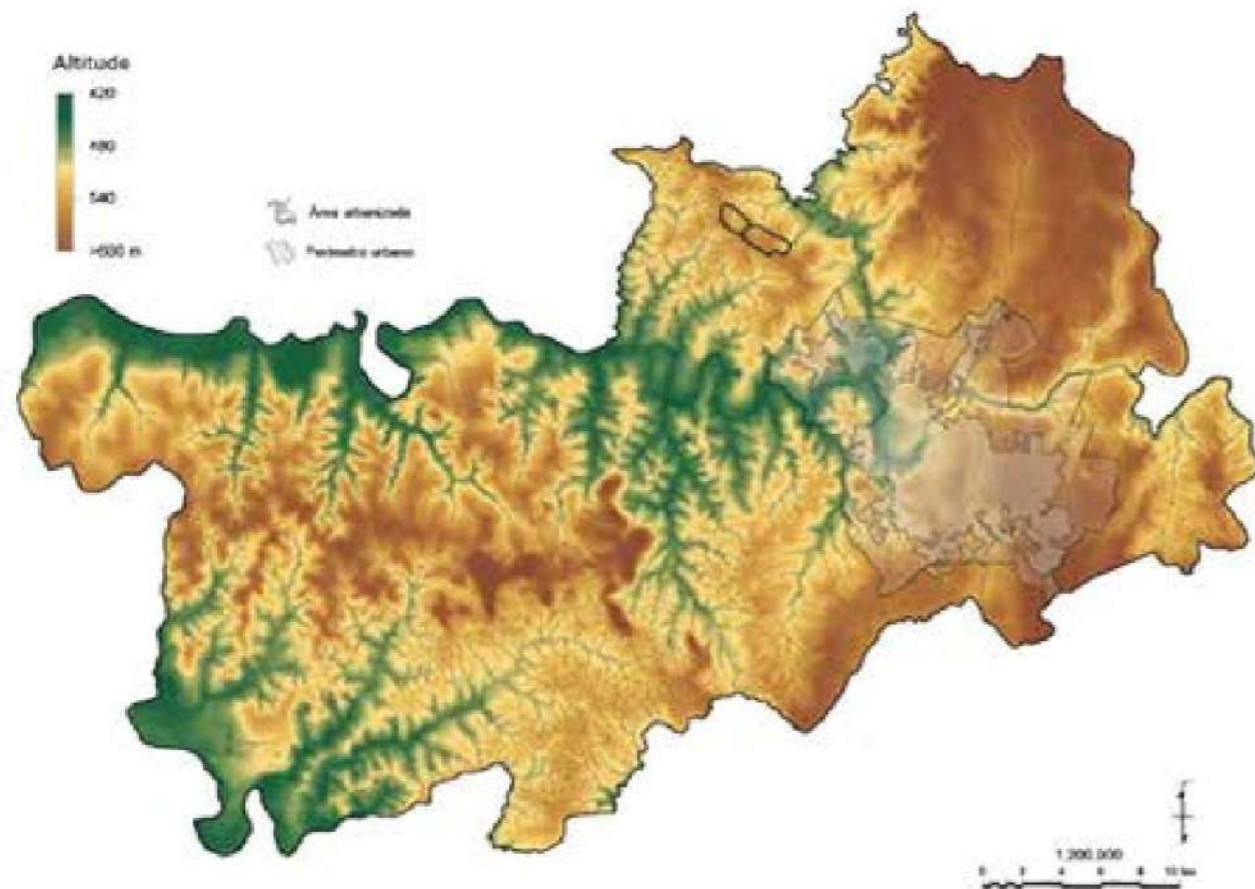
PIRACICABA

Localizada no interior do Estado de São Paulo, a cerca de 164 km da capital, a cidade de Piracicaba possui aproximadamente 407 mil habitantes. É uma cidade de médio porte, com 1 376, 913 km², tem 31,5733 km² em perímetro urbano e 1 345,339 km² constituem a zona rural. Foi fundada em 1º de agosto de 1767, na margem direita do rio que dá o nome à cidade (Piracicaba é lugar onde o peixe para, na língua indígena). Durante o século XIX, desenvolveu-se principalmente na área da agricultura, com destaque para o cultivo de cana-de-açúcar e café. Com o fim do ciclo do café e a queda no preço do açúcar no século XX, a cidade passou por uma crise econômica, que viria a ser superada somente com o processo de industrialização.

Foi uma das primeiras cidades a se industrializar no país, com destaque para as técnicas de produção de açúcar e atividades do setor sucroalcooleiro. Teve grande crescimento industrial devido à crise mundial de petróleo em 1973, sendo sede de um dos principais centros industriais da região. Também conta com campus de diversas universidades, entre elas USP e UNICAMP.



Modelo de Elevação Digital



24

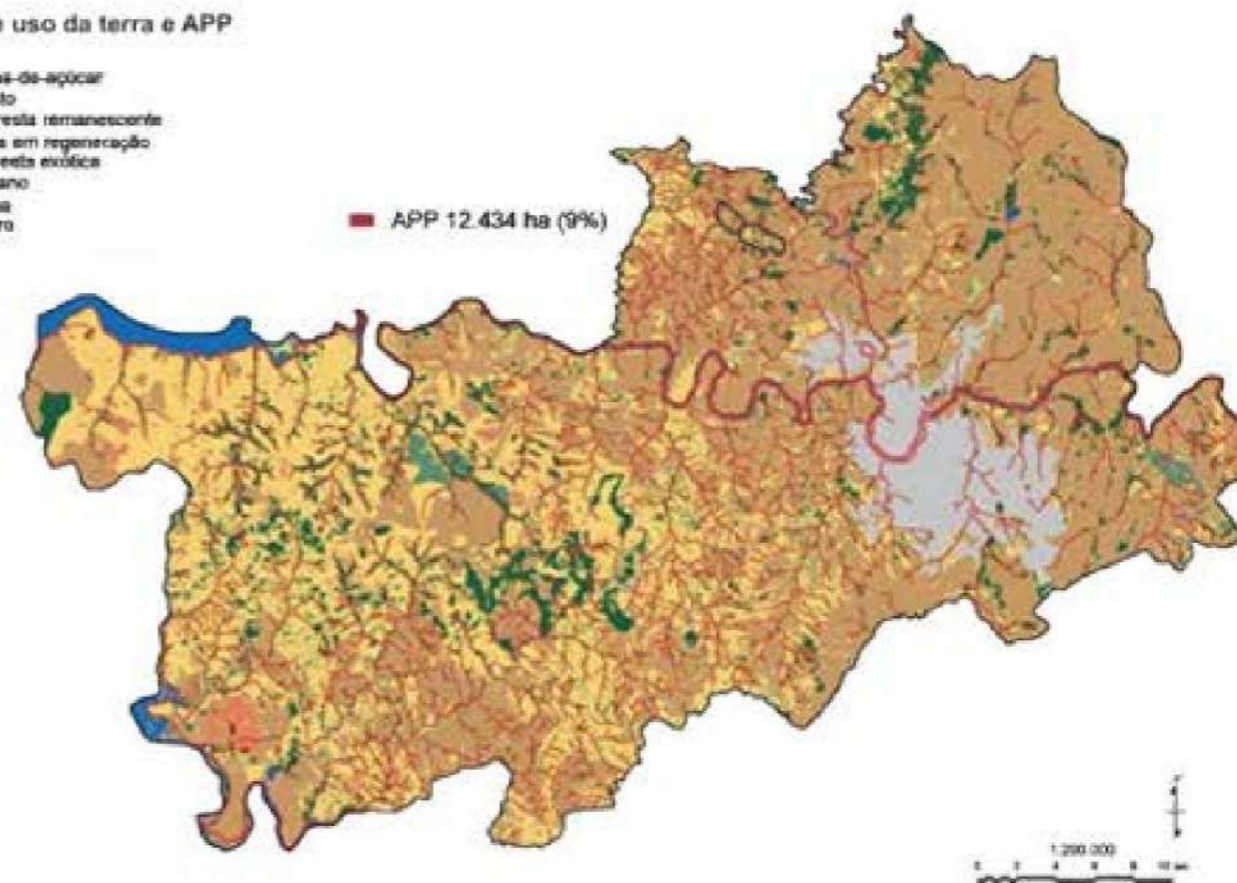
Acima tem-se o modelo de elevação digital, no qual pode-se observar que a cidade de Piracicaba encontra-se a uma altitude média de 500 metros. A área a ser estudada encontra-se a uma altitude média de 550 metros. As áreas mais baixas ocorrem próximas principalmente dos rios Piracicaba, Corumbataí e Tietê.

No mapa sobre os usos de terra e áreas de APP, observa-se que a maior parte da terra é utilizada para o cultivo de cana-de-açúcar, seguido pelo uso como pasto. Verifica-se que a área correspondente

Uso da Terra e APP

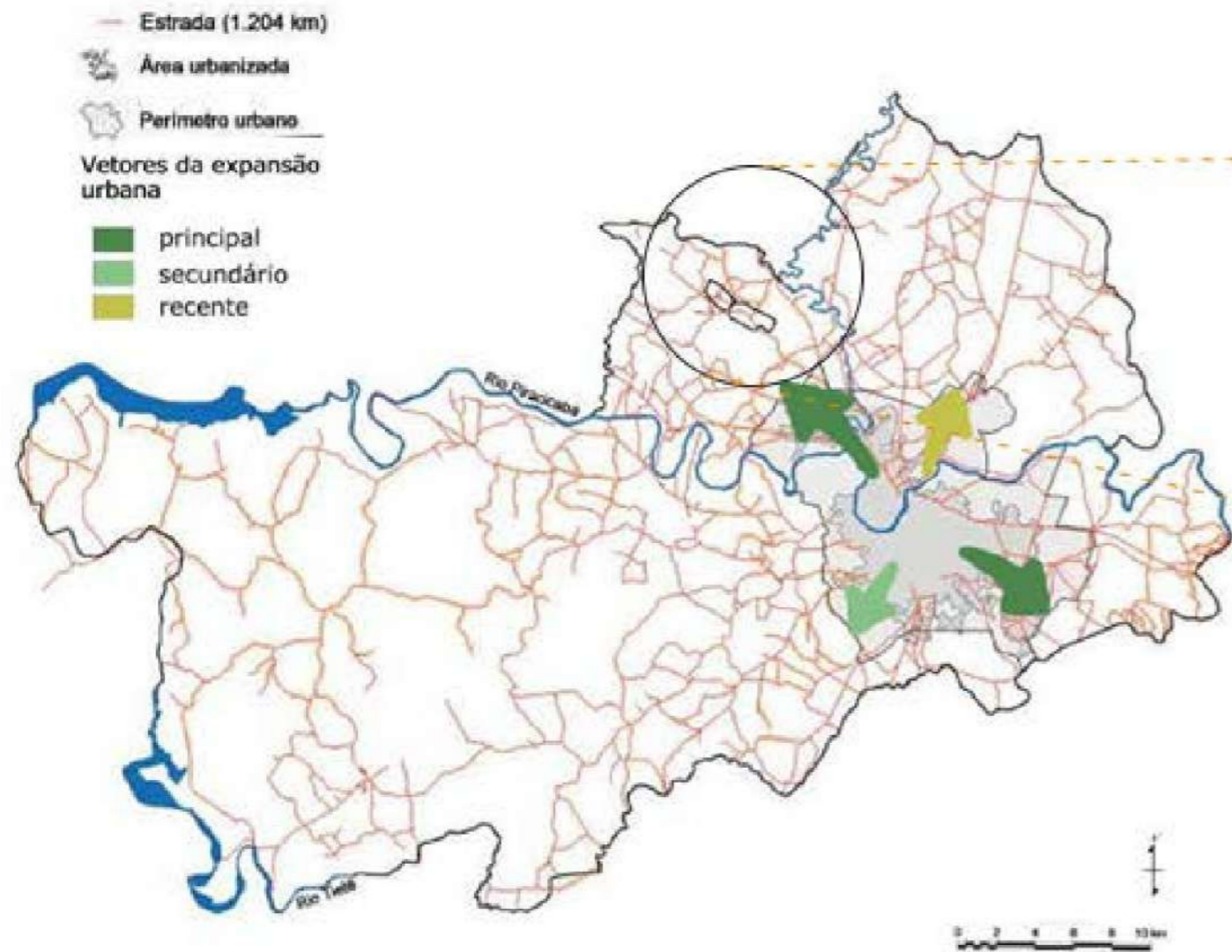
Classes de uso da terra e APP

- 45,5% Cana-de-açúcar
- 25,0% Pasto
- 10,0% Floresta remanescente
- 9,5% Áreas em regeneração
- 0,5% Floresta exótica
- 6,0% Urbano
- 3,0% Água
- 0,5% Outro



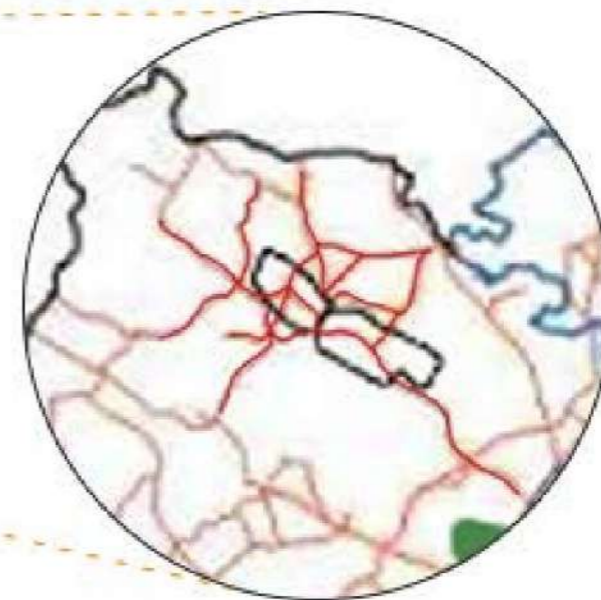
25

mancha urbana cobre menos que um terço da área total da cidade e há poucas áreas cobertas por florestas, divididas entre floresta remanescente, floresta exótica e áreas em regeneração. A área a ser observada posteriormente, já assinalada, tem uso predominante de suas terras para cultivo de cana-de-açúcar.

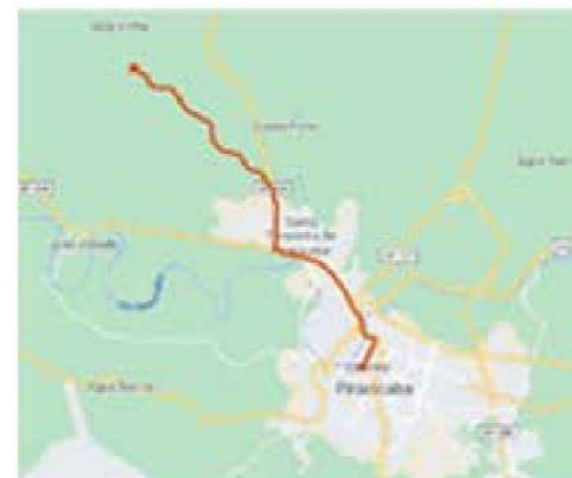


26

No mapa das estradas e expansão urbana, nota-se a quantidade de estradas do município de Piracicaba e os vetores de crescimento da mancha urbana. No detalhe, as estradas que cortam a região a ser estudada e, mais abaixo, a estrada que liga o centro à região de Santa Olímpia, que dista aproximadamente 20 km, e a indicação da linha de ônibus existente nessa área.

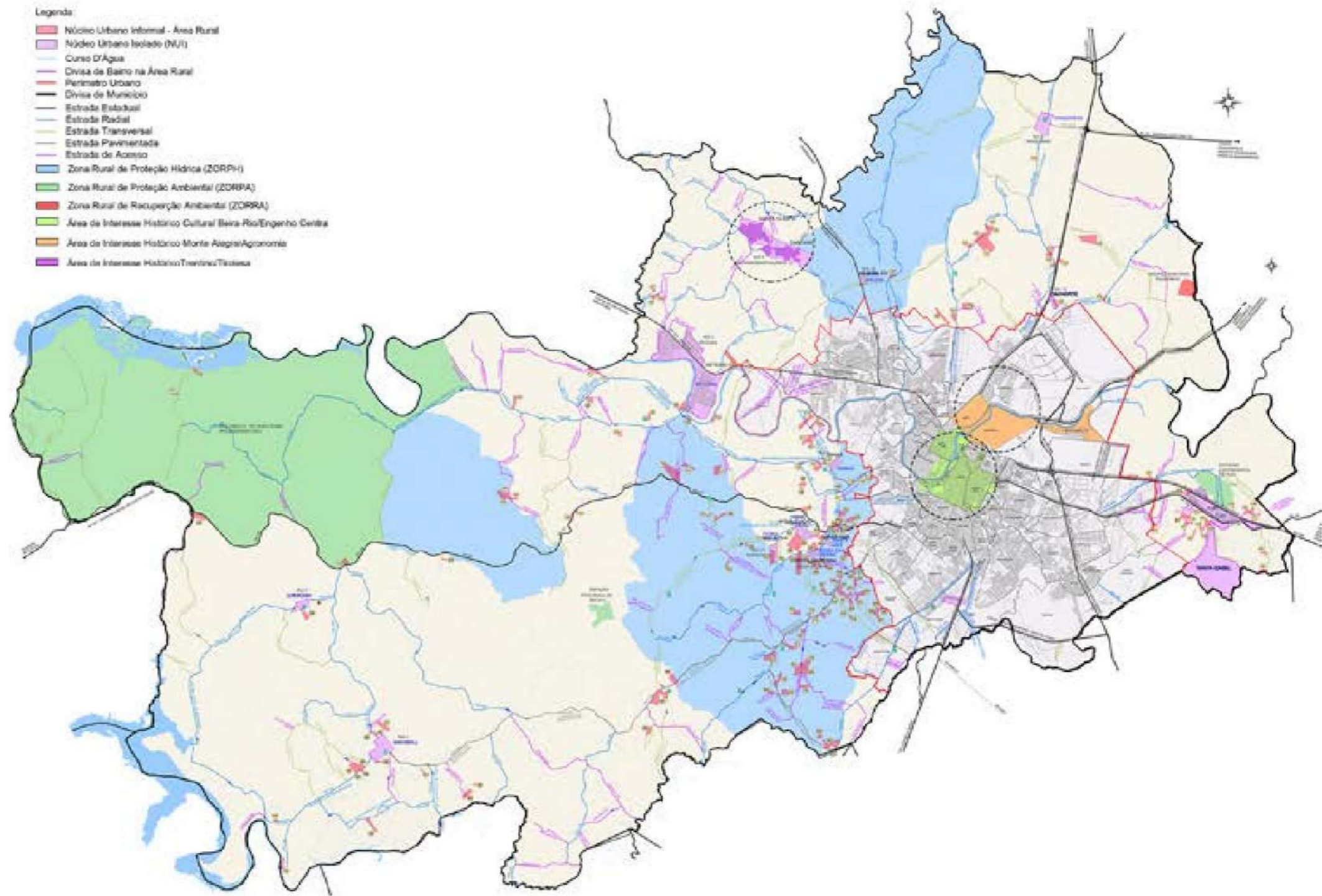


27



A imagem ao lado representa o cruzamento dos mapas de zoneamento na área rural e delimitação de zonas de interesse histórico e cultural da cidade de Piracicaba. Assim, é possível observar as zonas de proteção hídrica (ZORPH), zonas de proteção ambiental (ZORPA) e zonas de recuperação ambiental (ZORRA), além as áreas que representam os núcleos urbanos informais e núcleos urbanos isolados. Outras informações, como cursos d'água e divisas de bairros na área rural, também estão representadas no mapa.

A informação que mais salta aos olhos diz respeito às áreas de interesse histórico cultural, sendo três: a área de interesse histórico cultural Beira Rio / Engenho Central, a área de interesse histórico cultural Monte Alegre / Agronomia e a área de interesse histórico cultural Trentino-Tirolesa. Esta última chama a atenção por ser a única área assinalada dentre as três que se encontra afastada do centro urbano.



Legenda



Educação

1. EE Dr. Samuel de Castro Neves
2. Classe Vinculada de Educação Infantil - Santana
3. Classe vinculada de Ensino Fundamental - Santana



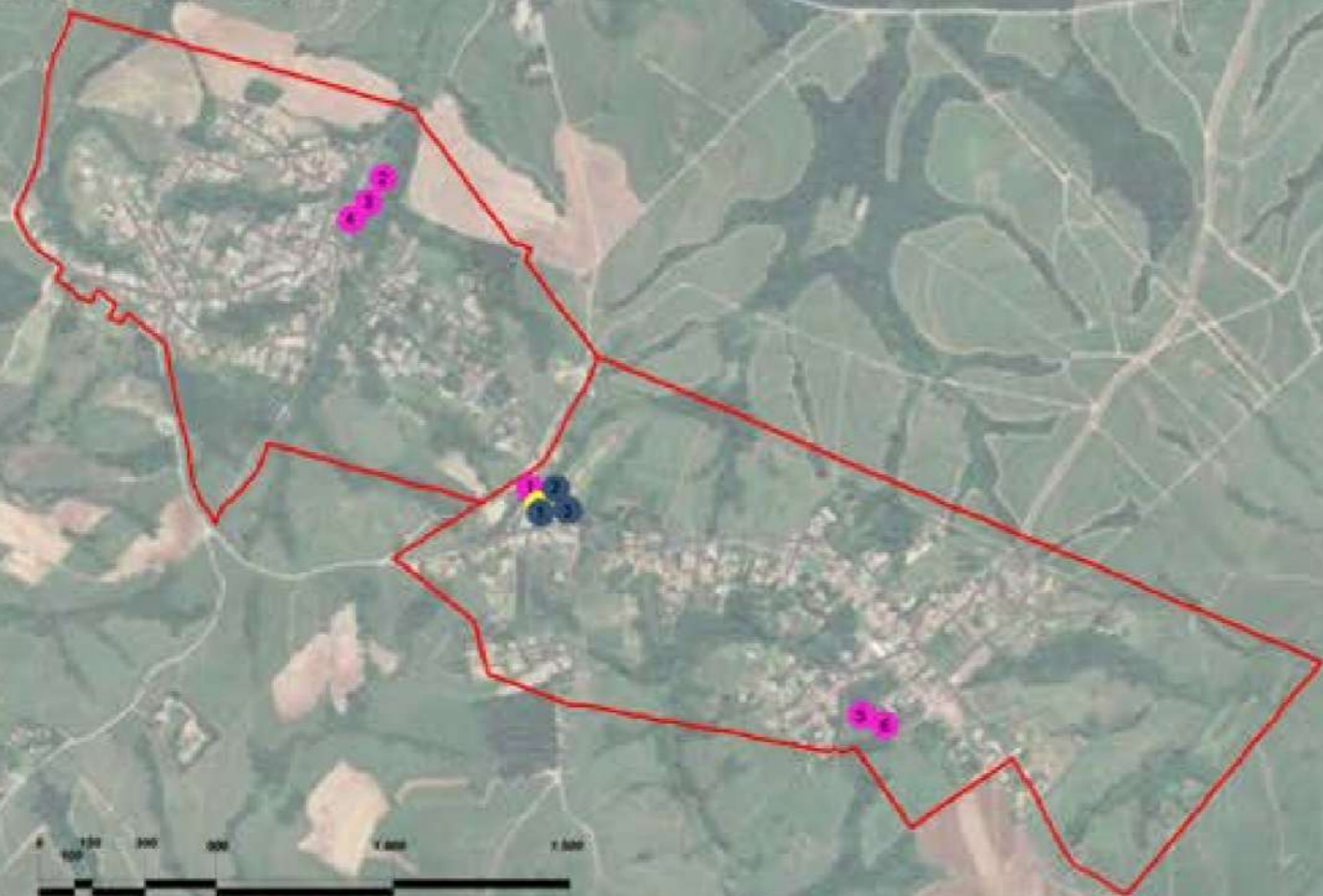
Saúde

PSF Santana



Diversos

1. Quadra coberta
2. Campo de areia
3. Parquinho
4. Academia ao ar livre
5. Centro comunitário
6. Academia ao ar livre



Ao analisar-se o mapa de equipamentos da área de interesse - bairros de Santana e Santa Olímpia - verifica-se que a maior parte dos equipamentos estão concentrados no bairro de Santana. Dividem-se em equipamentos de educação (escola com classes vinculadas), saúde e lazer.

A área onde encontram-se os equipamentos de educação e saúde é chamada de "grupo" e corresponde a divisa dos bairros de Santana e Santa Olímpia. Os moradores a reconhecem como uma "terra de ninguém", na qual quem a habita não seria nem de Santana, nem de Santa Olímpia.

No bairro de Santa Olímpia, objeto de estudo deste trabalho, nota-se a ocorrência apenas de equipamentos de lazer, principalmente os relacionados ao bem-estar físico e esporte.

SANTA OLÍMPIA

Santa Olímpia é um bairro localizado na área rural da cidade de Piracicaba e faz parte do distrito de Santa Terezinha, situado às margens da rodovia Piracicaba-Charqueada (SP-308). É um núcleo de colonização trentino-tirolesa e, através do Circolo Trentino di Santa Olímpia, está conectado aos demais Circolos Trentinos do mundo.

A história do bairro está relacionada com a vinda de imigrantes trentino-tirolezes para o Brasil no século XIX, cujo local de partida é a região de Trento ou antiga Tirol do Sul, território este que foi motivo de conflitos entre Áustria e Itália, por conta da localização entre os Alpes. Entre os anos de 1816 e 1918, o Estado do Tirol (Tirol do Sul e Tirol do Norte) esteve sob o domínio do Império Austro-Húngaro. Após esta data, a porção sul do território foi anexada à Itália, que obteve o controle efetivo das terras somente após a Segunda Guerra Mundial. O território hoje recebe o nome de Região Trentino Alto Adige.

Vários aspectos, incluindo o enfraquecimento do Império Austro-Húngaro, desestabilizaram a região, fazendo com que muitos moradores deixassem o território em busca de melhores condições para sobrevivência.

Foi nesse contexto que o governo brasileiro passou a incentivar a vinda de imigrantes europeus para o país, fazendo propagandas na Europa, já que a possibilidade de libertação dos escravos causava inquietação nos proprietários de lavouras.

Em Piracicaba, havia certa resistência na admissão de imigrantes, pois os fazendeiros tinham dificuldade em aceitar a mão de obra livre e remunerada no lugar da mão de obra escrava.

Em 1887, observa-se um número crescente de imigrantes chegando à Piracicaba. Em 1888, os proprietários das lavouras determinaram que existisse um contrato que garantisse a permanência dos colonos nas terras dos fazendeiros por tempo determinado.

Os imigrantes trentino-tirolezes eram famílias de tradição rural, patriarcais, preparadas para o tratamento da lavoura e desejosas por trabalho, fatores que garantiram sucesso à maioria das famílias que chegaram às regiões sul e sudeste.

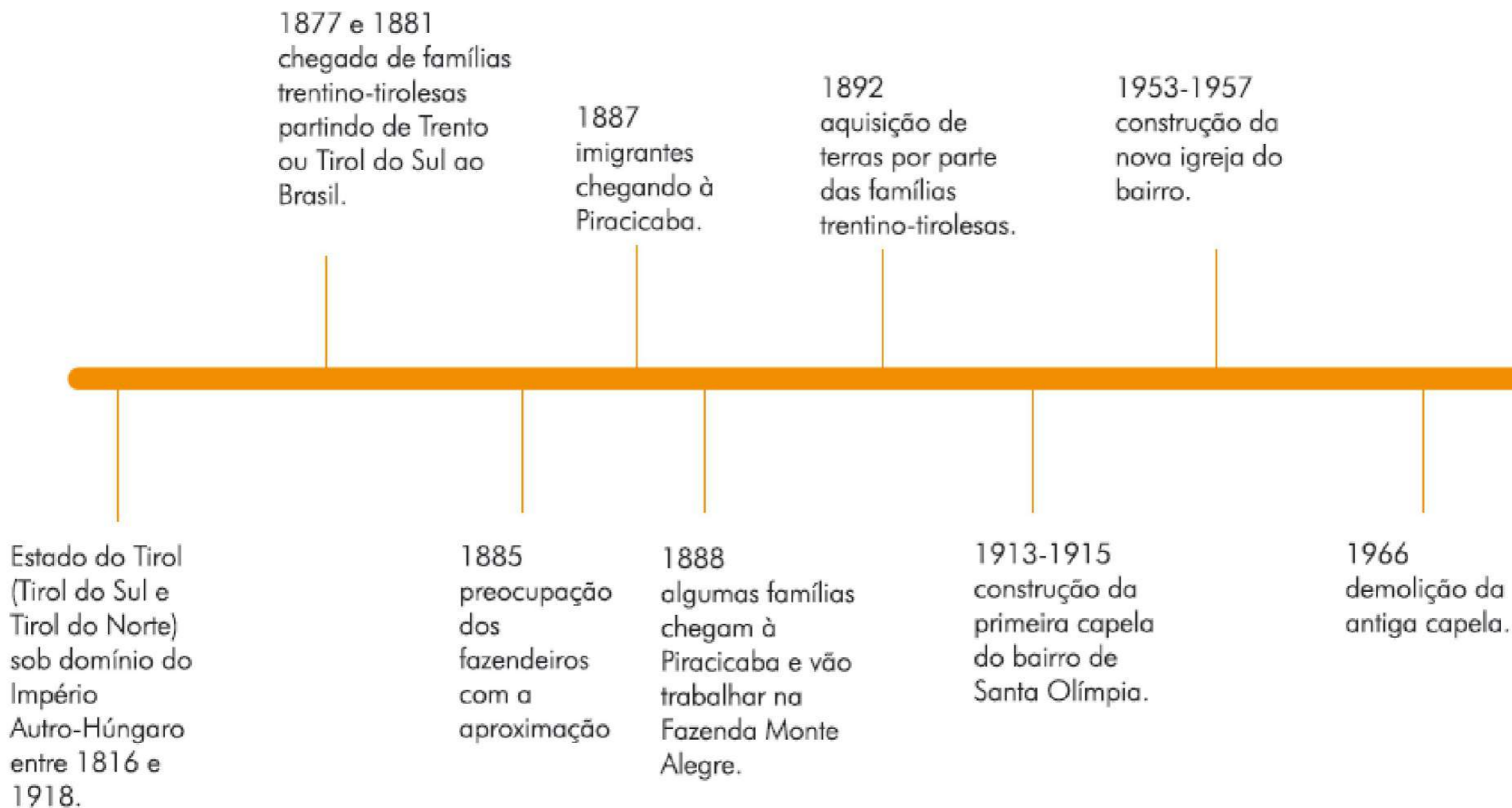
Em 1877, chegaram ao Rio de Janeiro, as famílias Vitti e Stenico, sendo interceptadas pelo administrador da Fazenda Sete Quedas de Campinas-SP, cujo proprietário, o Visconde de Indaiatuba, estabeleceu um contrato de colonato no qual as famílias trabalhariam durante nove anos em suas terras.

No ano de 1881 um grupo, formado por cinco famílias, chegou com contrato pré-estabelecido para trabalhar também na Fazenda Sete Quedas.

Algumas das famílias se uniram e, em 1888, partiram para Piracicaba, dando início à etapa de aquisição de terras. Ao chegarem, não encontraram terras para aquisição e trabalharam durante um período na Fazenda Monte Alegre.

Em 1892 encontraram um local e, após vários processos, conseguiram comprar a fazenda com 180 alqueires.

A fazenda citada fica distante da área central de Piracicaba em cerca de 20 km, o que propiciou a construção de um estilo de vida bastante particular e era, segundo os descendentes, a maior intenção do grupo, o que permitiu também que continuassem com as práticas realizadas em seu território de origem: festas, dialeto, entre outros.



FESTAS

Santa Olímpia é conhecida em Piracicaba principalmente por suas festas típicas. Representam, segundo Correr (2014), a principal forma de se perpetuar a identidade tirolesa idealizada e fortalecer as reivindicações de descendência e pertencimento a essa categoria cultural.

As festas levantadas para este trabalho foram cinco: a festa da Cuccagna, a festa de Nossa Senhora, a festa da Polenta, a festa da Imigração e o Mercadín.

A festa da Cuccagna (fartura no dialeto tirolês) é a festa não religiosa mais antiga do bairro e acontece toda terça-feira de carnaval, tendo se misturado ao longo dos anos a essa comemoração. Seu nome se dá devido ao prato típico servido na festa, com ingredientes dos mais variados, representando toda a fartura do povo tirolês. Não tem relação com igreja, a não ser pelo sino que é tocado no horário em que a festa deve terminar, marcando o início da quaresma.

A festa de Nossa Senhora acontece no mês de maio, conhecido como mês das mães. Está estritamente ligada à forte religiosidade católica trazida pelos imigrantes da terra de origem. O catolicismo celebra a mãe de Jesus, chamada de Nossa Senhora, durante todo o mês de maio, que, na Europa, coincide com o início da primavera. As celebrações são quase exclusivamente religiosas, com celebrações de missas e quermesse, sendo servido um café-da-manhã para as mães da comunidade em algumas edições desta festa.

A festa da Polenta é a mais conhecida e frequentada do bairro,

chegando a receber cerca de 15 mil visitantes em três dias de evento. Ocorre sempre no penúltimo final de semana do mês de julho, em celebração ao clima frio da região de origem, sendo comemorada a primeira vez por ocasião do centenário da fundação do bairro. Teve sempre, em sua concepção, a ideia de resgatar a história e as tradições culturais da comunidade, por meio das danças, músicas e outros tipos de manifestações que acontecem no decorrer da festa. Tem participação ativa da Igreja nas comemorações, sendo inclusive iniciada com uma missa de abertura.

A festa da Imigração aconteceu pela primeira vez em comemoração ao centenário da chegada do povo tirolês ao bairro de Santa Olímpia. Ocorre sempre em novembro, mais especificamente no dia 20, que é o dia conhecido como data em que os primeiros tiroleses chegaram na Fazenda Santa Olímpia.

O Mercadín de Nadal ou Mercadinho de Natal é uma das festas mais recentes do bairro. Surgiu em 2009, com o objetivo de unir as comunidades dos dois bairros: Santana e Santa Olímpia. É um evento com pouca participação externa e grande incentivo do comércio local.



CARNAVAL

Festa da Cuccagna

MAI

Festa de Nossa Senhora



JUL

Festa da Polenta



DEZ

NOV

Festa da Imigração

Mercadín de Nadal



O mapa ao lado apresenta as vias localizadas na parte central do bairro. As vias em vermelho são as duas principais do bairro, pelas quais é feito o acesso para quem chega a Santa Olímpia vindo de Piracicaba.

As vias em laranja são as vias secundárias, existentes principalmente para que seja realizado o acesso às casas dos moradores.

O caminho sinalizado em amarelo representa a Via Sacra, utilizada tradicionalmente para procissões. Construído em 1945, a grande escadaria possui 96 degraus, divididos em 15 lances de escada, um para cada estação da Via Sacra.

-  Vias principais
-  Vias secundárias
-  Escadaria
-  Acesso de Piracicaba



No presente mapa, pode-se observar as características das vias apresentadas anteriormente. As ruas sinalizadas em cinza correspondem as vias pavimentadas, enquanto as sinalizadas em vermelho são as não pavimentadas, que coincidem geralmente com as vias secundárias, ou seja, as de acesso às casas dos moradores.

- Vias pavimentadas
- Vias não pavimentadas
- Escadaria



Um dos exercícios para melhor compreensão do lugar foi a identificação de pontos atratores, identificados por meio entrevistas as moradores e de uma rota turística chamada “rota tirolesa”.

O ponto número 1 é a Galeria da Cuccagna, uma galeria comercial existente no bairro. O segundo ponto é o a sede do Coral Stella Alpina, um dos grupos de coral tradicional tirolês. O ponto número três é o Centro Cultural Paroquial, um prédio hoje pertencente à Igreja, mas utilizado pela comunidade para ensaios, encontros e apresentações nas festas típicas. Já o ponto número 4 é a Igreja Imaculada Conceição, onde acontecem todas as celebrações religiosas da comunidade. O ponto 5 é a praça Pe. Jacob Stenico, um lugar de encontro e convivência entre os moradores. O ponto 6 marca o Café Tirol, ponto de encontro importante para os moradores. O 7, a sede da Associação de Moradores e museu do bairro, e o 8, a Osteria Tirolesa, outro ponto de encontro importante para a população de Santa Olímpia.



Galleria da Cuccagna



Sede Coral Stella Alpina



48

49





Centro Cultural Paroquial





Igreja Imaculada
Conceição





Praça Pe. Jacob Stenico

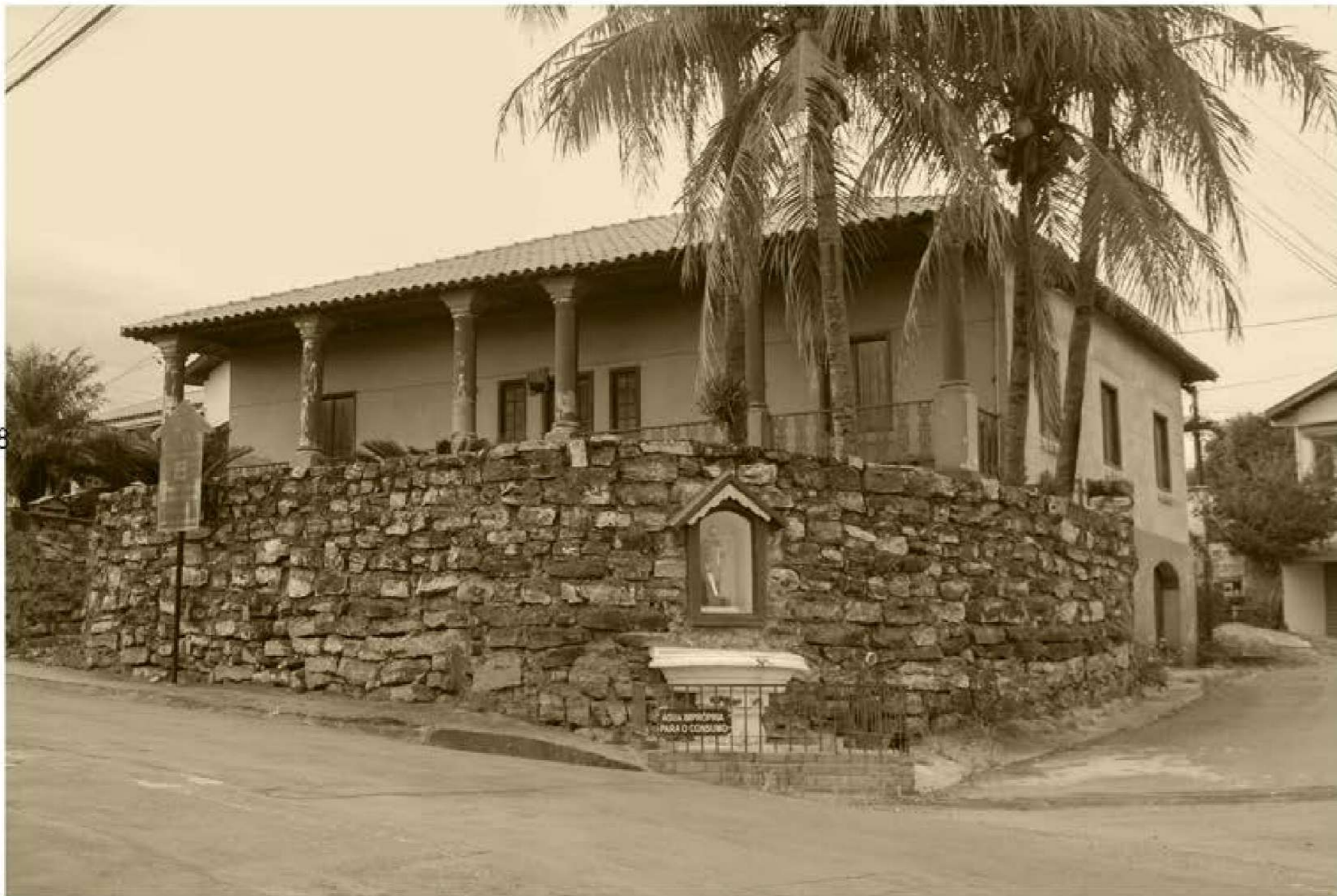


Café Tirol



57





Centro Cultural
Sede da Associação de
moradores

58

59





Esta cartografia tem como objetivo mostrar os usos dos edifícios na região central do bairro de Santa Olímpia.

Pode-se observar que a maior parte dos edifícios são residências, enquanto uma pequena parte são comércios, em alguns casos atrelados ao uso residencial.

Os edifícios institucionais concentram-se ao redor da praça e a maior parte são edifícios religiosos ou relacionados à Igreja.

Observa-se também a grande quantidade de massas de áreas verdes, talvez pelo fato de Santa Olímpia ser um bairro rural.

- Residencial
- Comercial
- Institucional
- Áreas verdes



Para melhor compreensão das volumetrias e espaços que caracterizam o bairro, está aqui representado o mapa de cheios e vazios.

Os edifícios são representados pela cor preta. A única diferença são os pontos atratores, representados pela cor vermelha.

Os vazios correspondem principalmente às grandes massas verdes presentes no bairro e também aos lotes vazios.



O mapa ao lado representa as principais visuais de observação da área central do bairro de Santa Olímpia.

Da direita para a esquerda, a primeira visual representa a visão de quem chega de Piracicaba pela entrada principal do bairro. A segunda representa a visão de alguém que já está posicionado na rua principal, olhando em direção à Igreja. A terceira, a vista de quem olha a escadaria a partir de seu ponto mais alto. Por fim, a quarta respresenta a visão de um observador que chega a Santa Olímpia pelo acesso secundário, também pela rua principal.

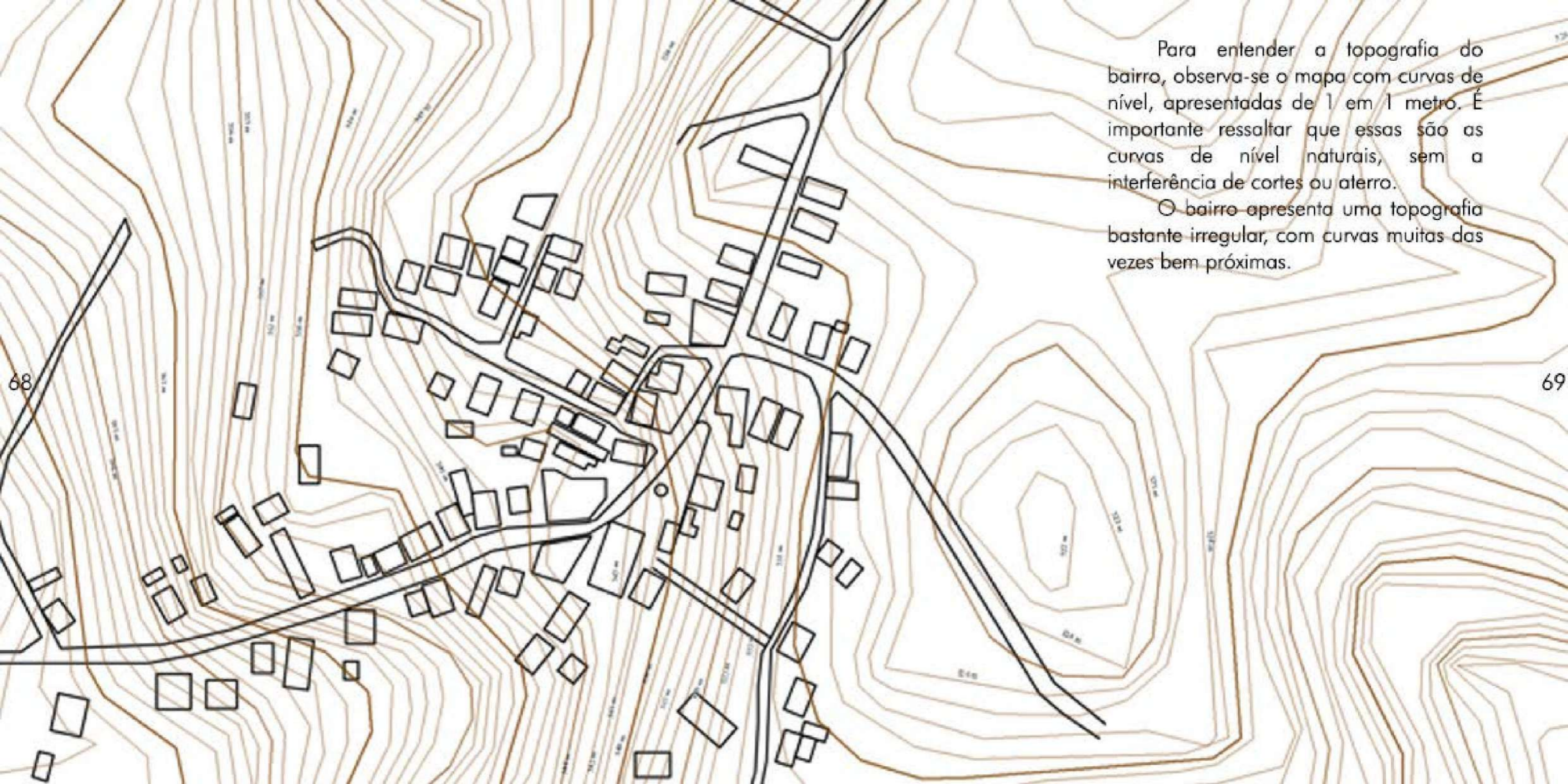
Na próxima página encontram-se exemplos de fotografias tiradas em duas das visuais citadas: a visual que olha em direção à Igreja e a visual da escadaria.



Ponto visual de quem chega no bairro e olha em direção à Igreja



Ponto visual de quem olha do topo da escadaria para baixo



Para entender a topografia do bairro, observa-se o mapa com curvas de nível, apresentadas de 1 em 1 metro. É importante ressaltar que essas são as curvas de nível naturais, sem a interferência de cortes ou aterro.




O bairro apresenta uma topografia bastante irregular, com curvas muitas das vezes bem próximas.



Tendo como base a cartografia de pontos atratores, é possível analisar os locais onde acontecem as festas. Para isso, foi realizada uma colagem com três das cinco festas citadas anteriormente.

A festa de Nossa Senhora acontece praticamente em sua totalidade no espaço da igreja. A festa da cuccagna acontece em sua maioria na praça do bairro, apesar de terem percursos diversos nas ruas do bairro (coleta dos ingredientes da cuccagna). A festa da polenta acontece também no espaço da praça, mas divide-se entre o Centro Cultural Paroquial e a própria igreja, onde são realizadas missas que fazem parte das festividades.

Apesar de não se desenrolar na igreja, a festa da Cuccagna tem como marco o badalar dos sinos para encerramento da festa.

-  Festa da Cuccagna
-  Festa da Polenta
-  Festa de Nsa Senhora

72



73

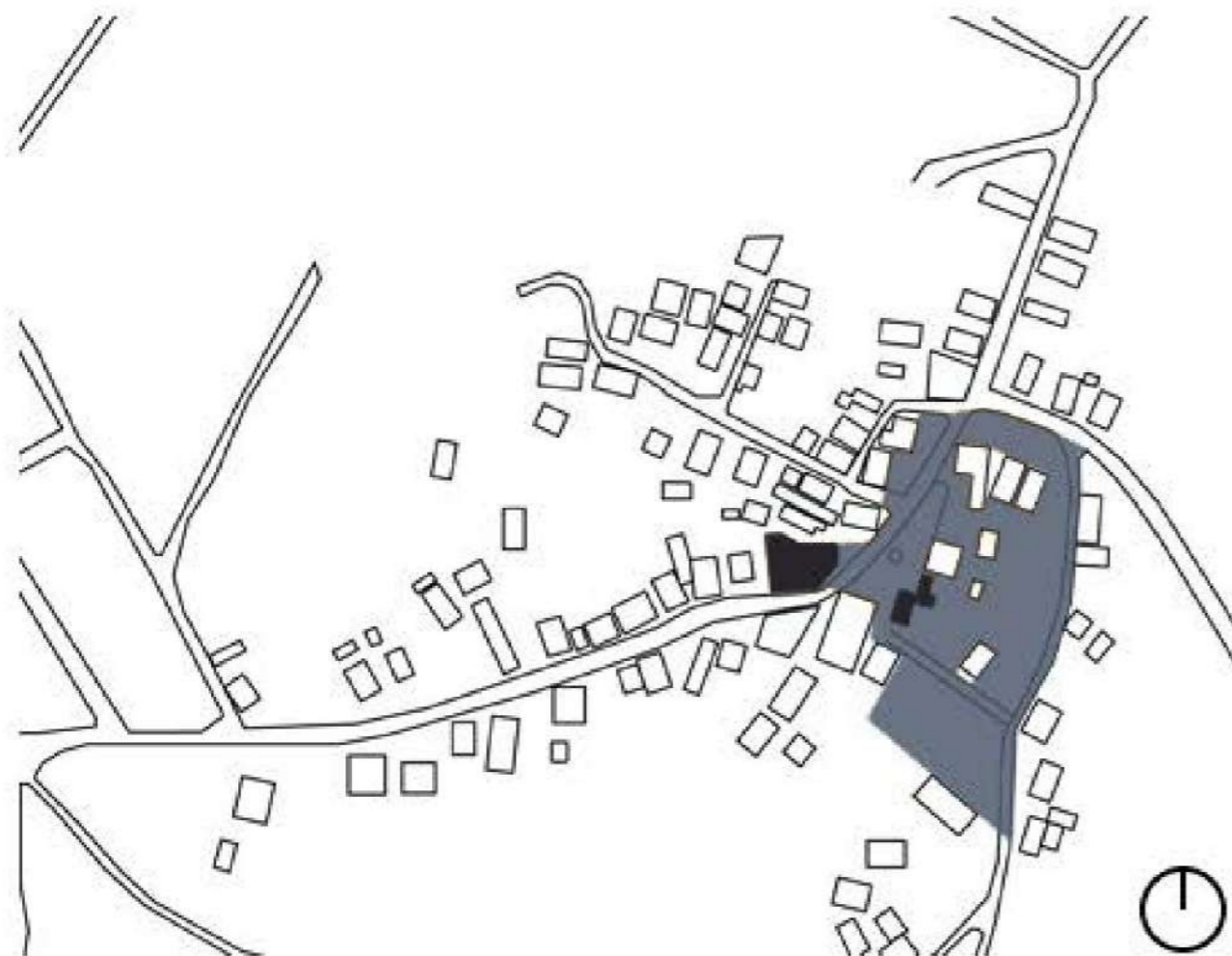


As colagens desta página e da anterior são experimentações para tentativa de um melhor entendimento do espaço e das manifestações culturais e memórias desses espaços.

A colagem com a sede da Associação dos Moradores traz a lembrança da vinda dos imigrantes trentino-tirolezes e a importância por este edifício ser a primeira casa construída no bairro. O elemento pedra fica evidente na construção, sendo também usada na construção da igreja. A borboleta é o símbolo do bairro e remete à região de Trento vista de cima.

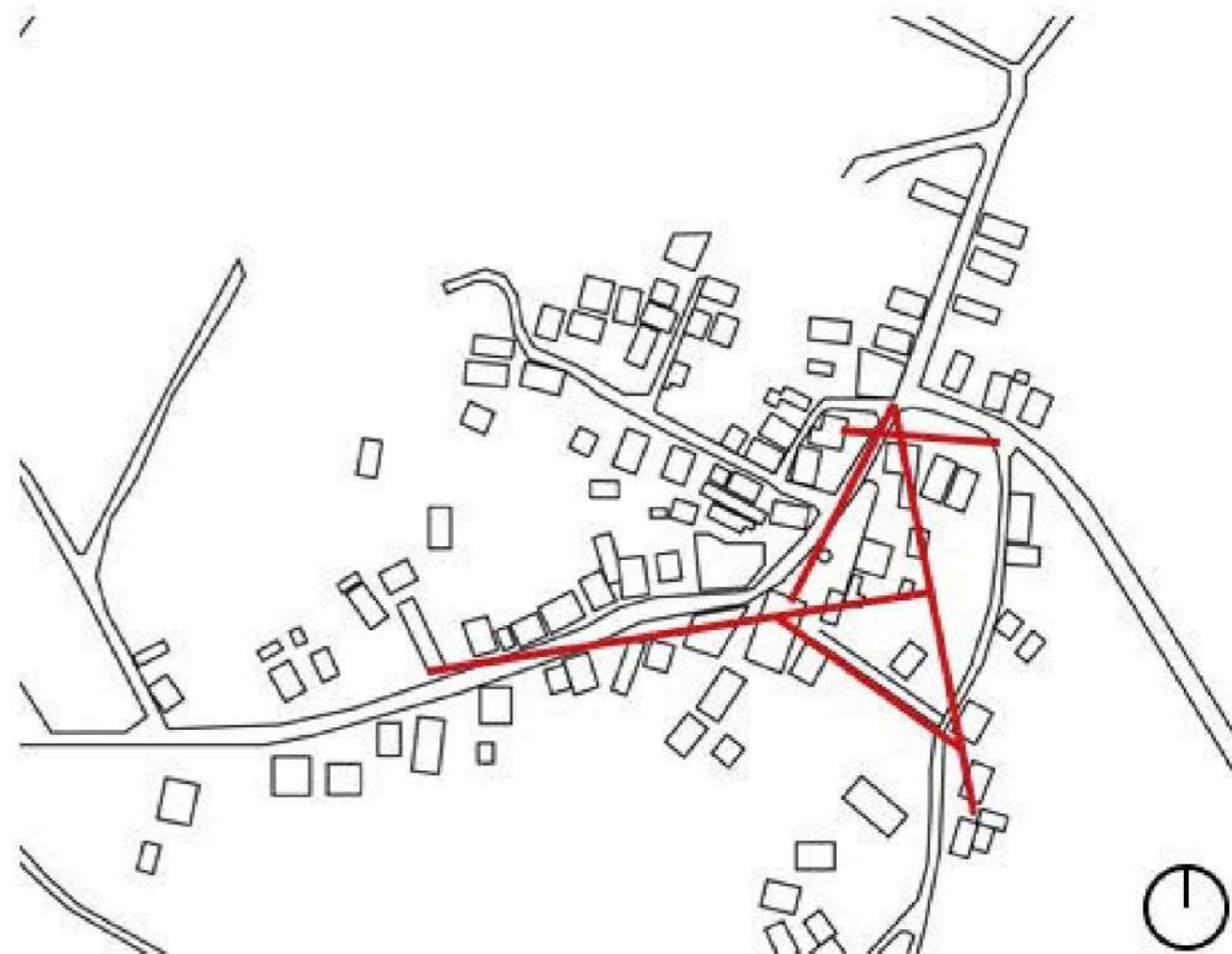
A imagem com a igreja mostra sua imponência e importância de sua figura para o bairro, assim como o espaço da praça, lugar de encontro e onde se desenrolam as principais festividades da comunidade de Santa Olímpia. Traz a polenta, como sendo uma das festas mais marcantes, junto à figura das danças típicas, manifestações que ocorrem geralmente durante as festas.





A partir das informações coletadas e apresentadas anteriormente, chega-se à área de intervenção, como visto acima, compreendendo desde áreas públicas até privadas.

Os edifícios em coloração mais escura, por serem ambientes sem valor arquitetônico e/ou com muitas irregularidades, serão demolidos a fim de abrir espaço para intervenções que possam articular melhor a conexão entre o bairro e sua paisagem cultural.



Na cartografia acima estão retratados alguns eixos imaginários que representam linhas de força e caminhos do bairro e podem vir a auxiliar no processo de projeto.

Os eixos surgem do cruzamento de informações, como a ligação entre os pontos atratores, alguns dos caminhos citados anteriormente e ligações das visuais de observação, resultando na imagem apresentada.

3. AÇÕES PROJETUAIS

3.1. REFERÊNCIAS PROJETOAIS

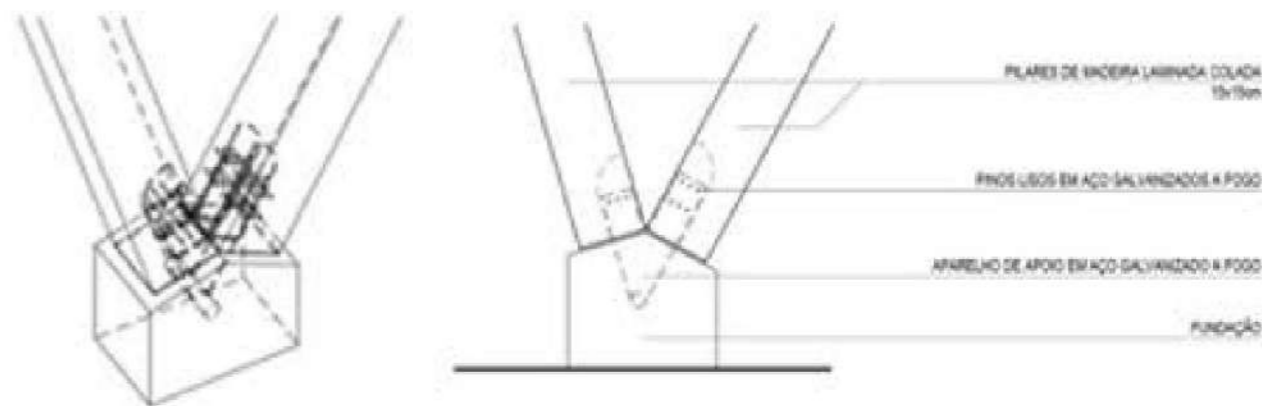
Centro de eventos Iporanga

Arquiteta: Mauro Munhoz Arquitetura.

Ano: 2011.

Local: Guarujá, São Paulo.

Fonte: ITA Construtora.



Salão Comunitário Lungiarü

Arquiteta: SIRS.

Ano: 2019.

Local: Lungiarü, Itália.

Fonte: ArchDaily, 2020.



Centro comunitário Los Chocolates

Arquiteta: Taller de Arquitectura Mauricio Rocha + Gabriela Carrillo.

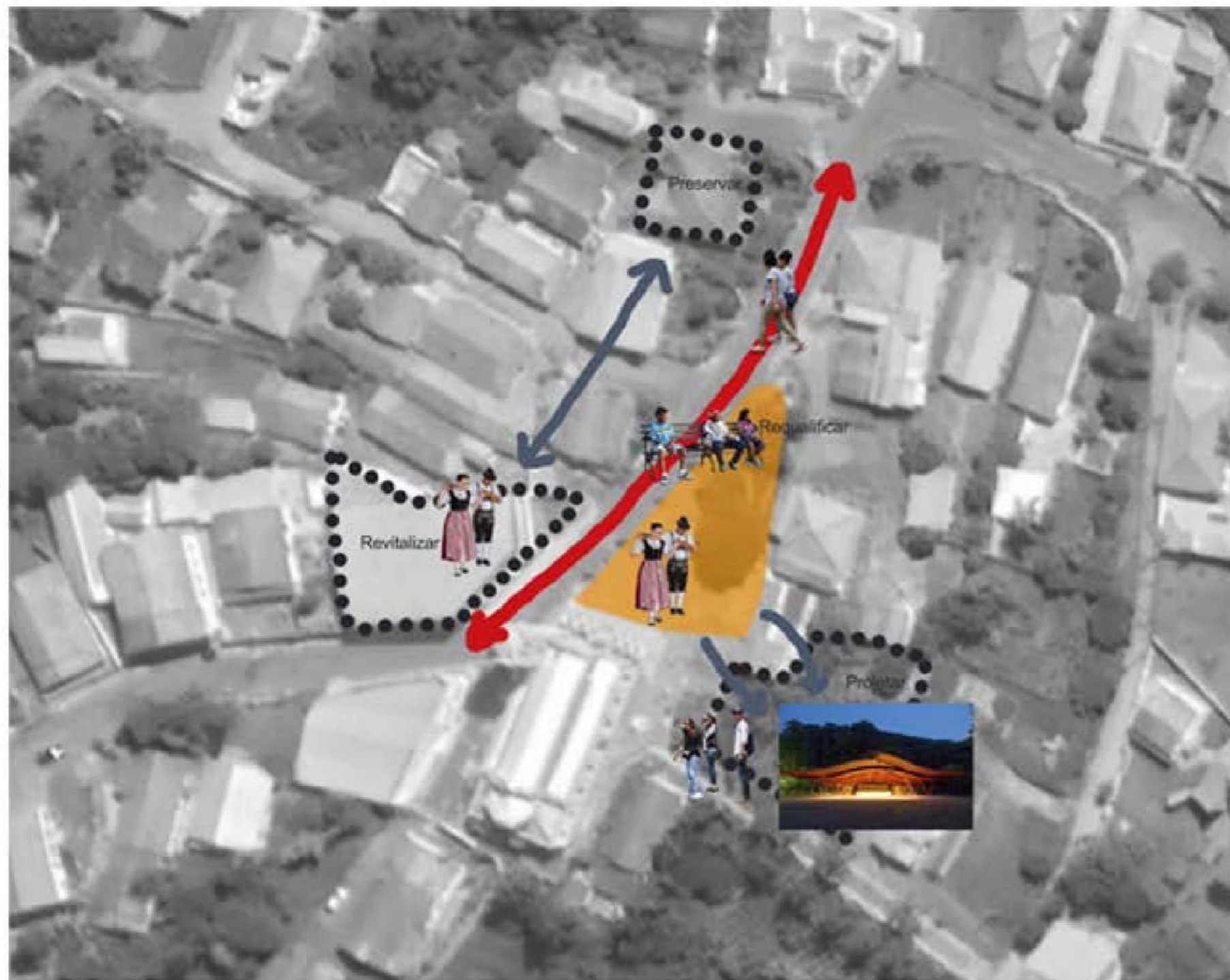
Ano: 2018.

Local: Cuernavaca, México.

Fonte: ArchDaily, 2020.



3.2. DIRETRIZES PROJETOAIS



As diretrizes projetuais baseiam-se na valorização dos espaços públicos, de convivência e manutenção da memória e dos costumes.

Tomando como ponto de partida a praça do bairro e a rua principal, a intenção é a boa caminhabilidade e o caráter do estar e usufruir do espaço. Assim, pretende-se a requalificação da praça e da via.

Para o edifício sede da Associação de Moradores, por funcionar muitas vezes como museu, a ideia é a de preservar. Já para o Centro Cultural Paroquial, inicialmente propõe-se uma revitalização, a ser estudada conforme aproximação.

Como o bairro recebe cerca de 15 vezes o número de habitantes em períodos de festa, todos acomodados no espaço público da praça, pretende-se desenvolver um projeto de infraestrutura que acomode e abrace essa população visitante, além de compor juntamente com a espacialidade da praça e arredores, a paisagem cultural do bairro de Santa Olímpia.



A cartografia ao lado representa algumas das ações na área de intervenção, a partir de toda informação reunida até o momento.

Primeiramente, traçou-se os eixos ortogonais à frente e às laterais da Igreja, seguido de eixos que ligam a Igreja a alguns pontos atratores próximos à ela (Galeria da Cuccagna, Coral Stella Alpina e Osteria tirolesa).

As áreas em azul indicam possíveis áreas de construção, excluindo-se a área em laranja-avermelhado, que corresponde a uma das visuais de observação apresentadas anteriormente e de extrema importância para a constituição do bairro.

Pretende-se construir um centro comunitário para a população do bairro e também uma área coberta, que possa ser utilizada principalmente em dias de eventos, já que a quantidade de visitantes é bem grande e não existem atualmente áreas cobertas com capacidade para receber tantas pessoas.

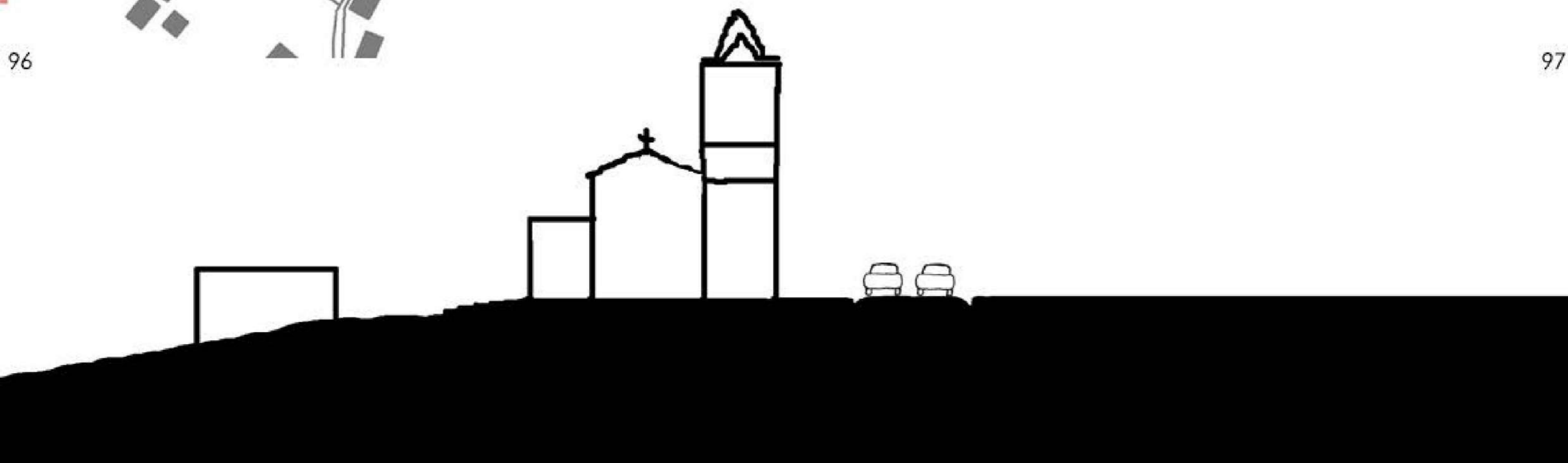
Toda a área demarcada em verde poderá vir a ser ou não uma área ocupada por vegetação. É importante ressaltar que pretende-se, pelo menos em parte dessa área, estabelecer o cultivo de parreirais, seguindo assim a orientação da Lei Complementar 405 do Plano Diretor de Piracicaba, referente a Área de Interesse Histórico Cultural Trentino/Tirolesa:

“estimular o fortalecimento da agricultura familiar e a sustentabilidade de seu processo produtivo, bem como o desenvolvimento de atividades rurais como apiários, pomares de frutas, parreirais de uva, dentre outros, estimulando processos de fabricação e produção artesanais.”



96

Para observar como comporta-se o terreno, fez-se um corte AA' voltado para o lado da Igreja, que é um marco visual significativo, como fica claro no corte. Apesar do relevo, o lado direito do corte ficou todo num mesmo nível, por passar exatamente no terreno de interesse de intervenção.



97

3.3. PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO

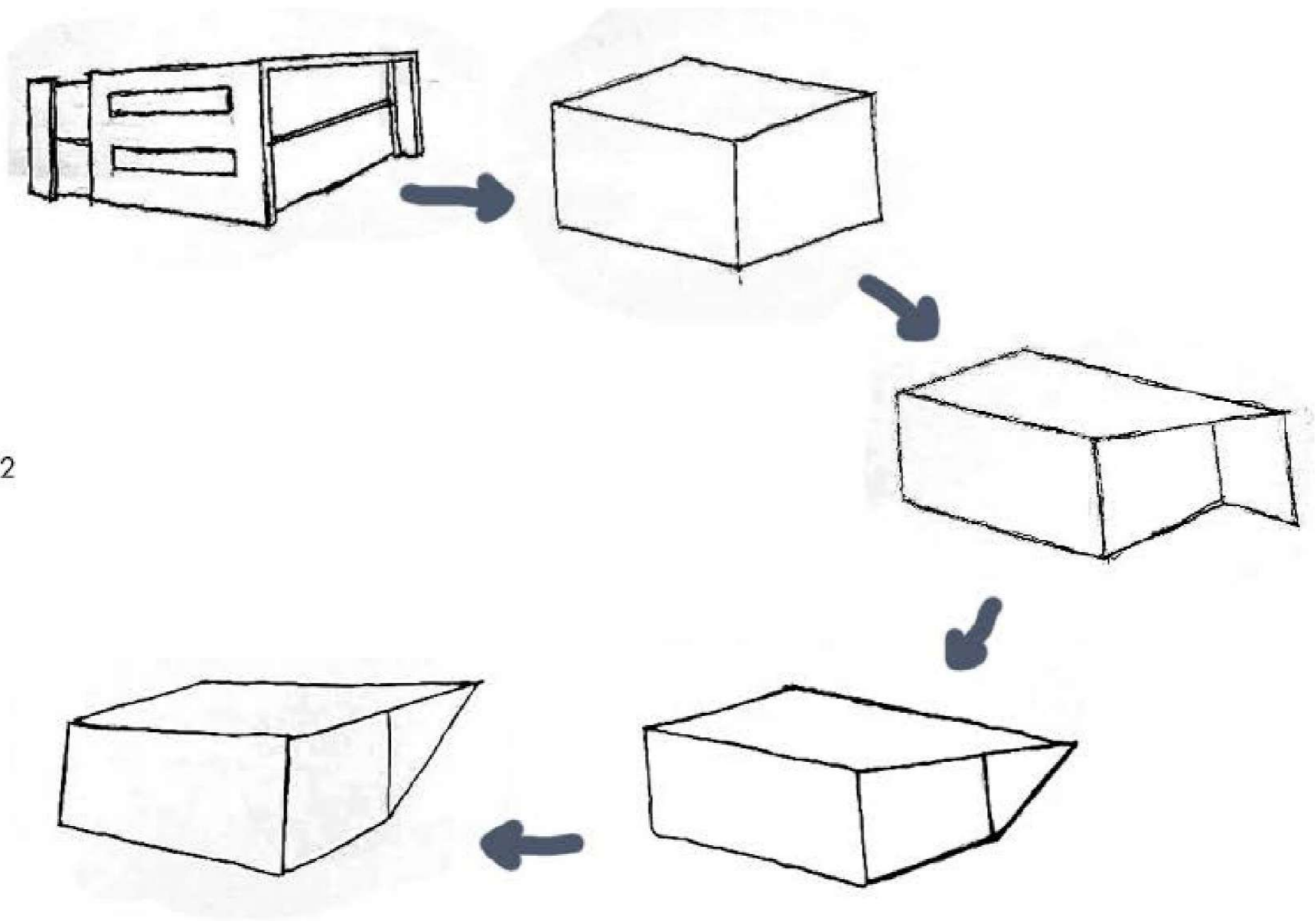


O primeiro passo para o desenho das intervenções foi olhar a cartografia de intenções para a área, em que aparecem os eixos, em laranja, e as áreas a serem edificadas, além dos espaços verdes.

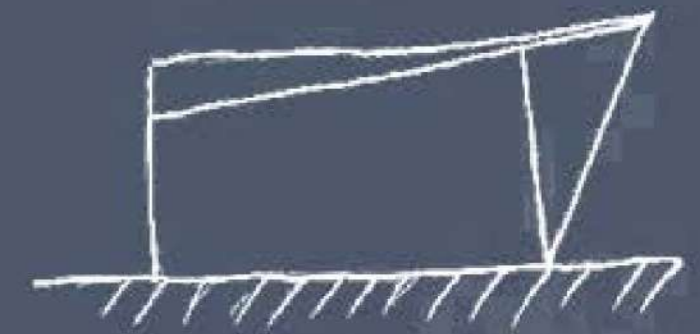
Conforme as linhas ortogonais às laterais e à frente da Igreja, formam-se espaços que começam a direcionar o partido do projeto.

As linhas em azul claro representam a primeira tentativa de inserção das partes edificadas no desenho. No lado esquerdo da página, encontra-se o terreno do Centro Cultural Paroquial. O formato do edifício é quase retangular, tendo em um dos seus lados um gesto, ainda a ser desenvolvido.

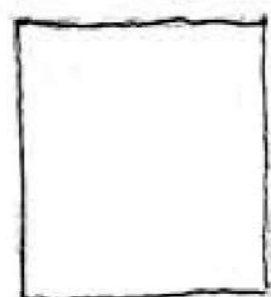
A cobertura, por estar muito atrelada à praça e ter sua área sob grande influência dos eixos tidos a partir das laterais da Igreja, foi desenhada, a princípio, no formato retangular.



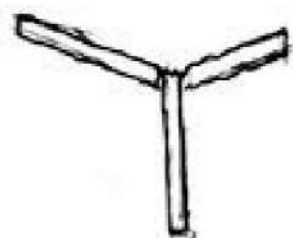
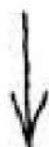
102



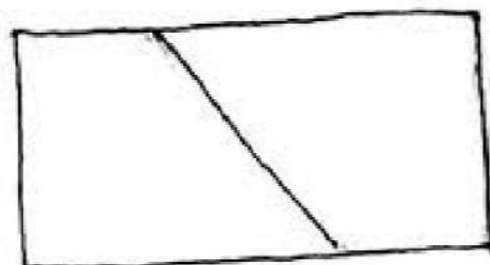
103



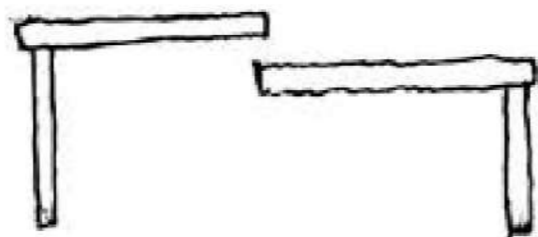
PLANTA



VISTA



PLANTA



VISTA

Por conta de receber muitos visitantes nas épocas das festas, propõe-se que a infraestrutura de acolhimento desses acontecimentos ocorra no terreno delimitado no mapa anteriormente. Para isso, pretende-se projetar uma cobertura trabalhada com materiais típicos da região, como madeira, tendo o piso como continuação do piso da praça, ou seja, no mesmo nível. Tendo em vista os eventos que acontecem no bairro, a intenção é de colocar uma área construída abaixo da cobertura, que possa servir de apoio para os eventos, como um lugar para servir alimentos, por exemplo.

A proposta para o centro comunitário é de que o novo edifício seja mais regular do que o antigo, porém sem ficar monótono, por isso a sugestão de fazer uma cobertura com quatro alturas diferentes. O edifício compreenderá sala de exposição, palco, área para oficinas, administração, cozinha, depósito, sanitários, além do espaço para circulação e espaços livres.

Como dito anteriormente, propõe-se a reformulação do piso da praça, com desenhos de piso e diferenciação por cor que façam a costura dos três edifícios que constituem o projeto.

COSTURAS TARENTINO-TIROLENAS

O projeto inicia-se com a prerrogativa de explorar as relações entre o bairro de Santa Olímpia e sua paisagem cultural, pautadas na valorização dos espaços de convivência, sendo eles públicos ou privados, e manutenção das memórias e costumes.

Definida a área de intervenção, assim como a retirada de edifícios que apresentavam muitas irregularidades e/ou ausência de valor arquitetônico, retomam-se os eixos identificados assim como a marcação de novos eixos que, combinados, indicam na área os lugares do projeto.

Tendo como principal referência a Igreja da praça, determinam-se local e orientação, tanto do edifício que será o novo centro comunitário do bairro como da infraestrutura projetada para receber os visitantes em dias de evento (e outras atividades). Consideram-se também os pontos atratores trabalhados anteriormente, servindo como uma rede de conexão tecida para contar a história e as características do bairro.

Se fosse para definir um dos percursos possíveis, seria o seguinte: entrando pelo acesso principal ao bairro, em uma rua agora elevada e com velocidade reduzida, avista-se primeiramente ao lado direito a primeira casa do bairro, onde funcionará o museu. Em seguida, ao lado esquerdo, o café Tirol, com comidas típicas e um dos principais pontos de encontro dos moradores. Logo na sequência, tem-se uma escada que guia quem a explorar para o ponto da praça entre a Igreja e a infraestrutura projetada (ou cobertura). Ao fundo tem-se a igreja, com o centro comunitário à direita e a cobertura à

esquerda, acompanhada da escadaria que leva a esteria tirolesa, todos conectados pela praça, cujo piso dá indicações dos trajetos e ligações possíveis entre os pontos existentes.

O centro comunitário surge da existência de um lugar em que as pessoas do bairro se reúnam, tanto para eventos importantes para a comunidade, como para reuniões da associação dos moradores, ensaios de danças típicas, aulas de dialeto, além de eventos particulares. Santa Olímpia é conhecida por suas festas de grande público; as pessoas se espalham pela praça, pela rua e pelo centro cultural paroquial. O centro comunitário serviria principalmente para que os moradores tivessem onde se reunir, organizar eventos, preparar atividades e ensaios e preparar os alimentos, por exemplo, das festas do bairro. O edifício ergue-se primeiramente com um volume simples, o qual sofre uma modificação em um de seus vértices, resultando em quatro arestas verticais de alturas diferentes. A planta consiste basicamente em banheiros na parte das fundos e uma cozinha, ladeada por dois depósitos, que se abre para o grande espaço livre à sua frente. O centro conta também com um mezanino, que pode ser utilizado como, além de escritório, espaço para oficinas e outras atividades. A porta de acesso é do modelo sanfonado, tomando possível a abertura completa do espaço para a área da praça, fazendo com que as áreas sejam integradas.

A cobertura surge da necessidade de haver um espaço para abarcar as pessoas, tanto moradores quanto visitantes, em dias de evento (por exemplo, um local para as apresentações, que ocorrem em um pequeno tablado em frente ao centro cultural paroquial), mas ergue-se com a possibilidade de ser também um espaço de estar em

dias não tão movimentados. Projeta-se com a consciência da presença do edifício do centro comunitário e dos eixos que deram início ao projeto. Assim, consiste em um bloco retangular alinhado com a frente da igreja e direcionado para o centro comunitário. Possui a marca de um dos eixos em forma de um rasgo diagonal, que divide o volume em dois. A diferença é marcada também pelo deslocamento vertical do volume mas afastado da igreja, dando ideia que a parte mais elevada será o palco enquanto a parte mais baixa, a plateia.

A escadaria, antes dividida de maneira regular, dá espaço a uma escadaria que começa com uma abertura, como se estivesse convidando quem passeia pela praça a percorrê-la, e acaba também em outra abertura, direcionando o indivíduo a um dos pontos atratores: a osteria firolesa. Alguns patamares são mais largos do que outros e encontram-se estrategicamente posicionados, para que o indivíduo possa, além de retomar o fôlego, contemplar a paisagem à sua volta. Ambos os lados da escadaria são majoritariamente constituídos por áreas verdes, porém um deles é repleto de parronais. As uvas estão presentes também em estruturas que cobrem o caminho que é formado por pilares posicionados pela escada, formando uma espécie de cobertura/ caminho, que pode ser ou não seguido por quem a percorre.

A praça aparece principalmente como elemento de costura entre as propostas. O desenho do piso dá-se pela união de alguns eixos da área: o eixo que sai do meio da igreja e acaba na frente do edifício do museu; o eixo que sai da ponta direita do centro comunitário e vai em direção ao café; outro que sai do mesmo

porém em direção ao museu; e um eixo que sai da ponta direita da cobertura e vai em direção ao museu. Esses eixos combinados conformam uma série de espaços diferenciados por cor, todos de bloqueto. As árvores foram mantidas, concentradas em uma faixa verde. A ponta da praça é onde encontra-se o ponto de água: uma pedra grande sai do chão da praça e tem escrito em si os marcos da história da comunidade; de seu eixo central sai água potável (direcionamento da água da bica existente). Tendo esse ponto como eixo central, desenha-se uma escada que dá acesso ao nível mais baixo do terreno ao redor da praça. A rua principal do bairro será elevada a partir da esquina pela qual se faz o acesso de quem chega de Piracicaba, indo até aproximadamente o ponto ao lado da quina da igreja.

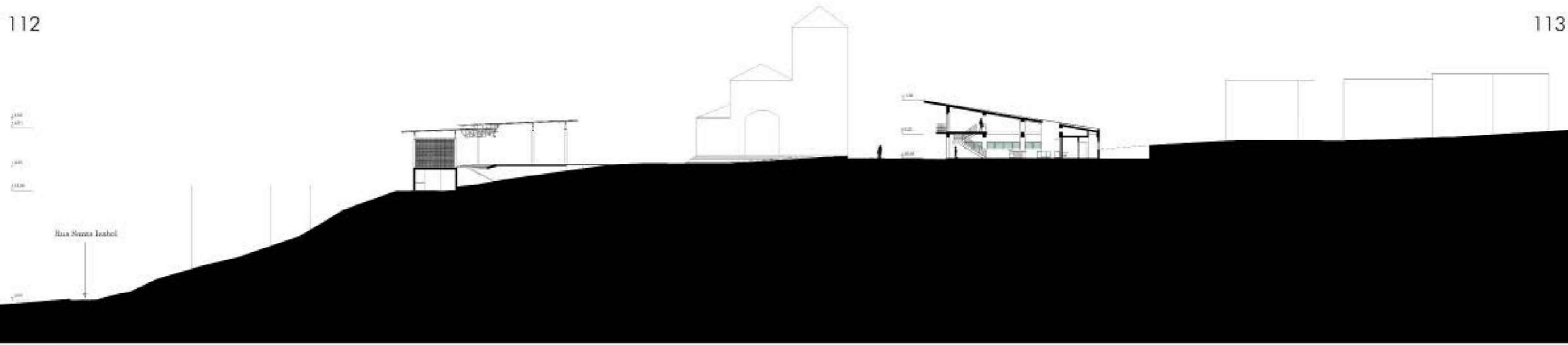
IMPLANTAÇÃO

110



111

CORTE GERAL



Corte C4

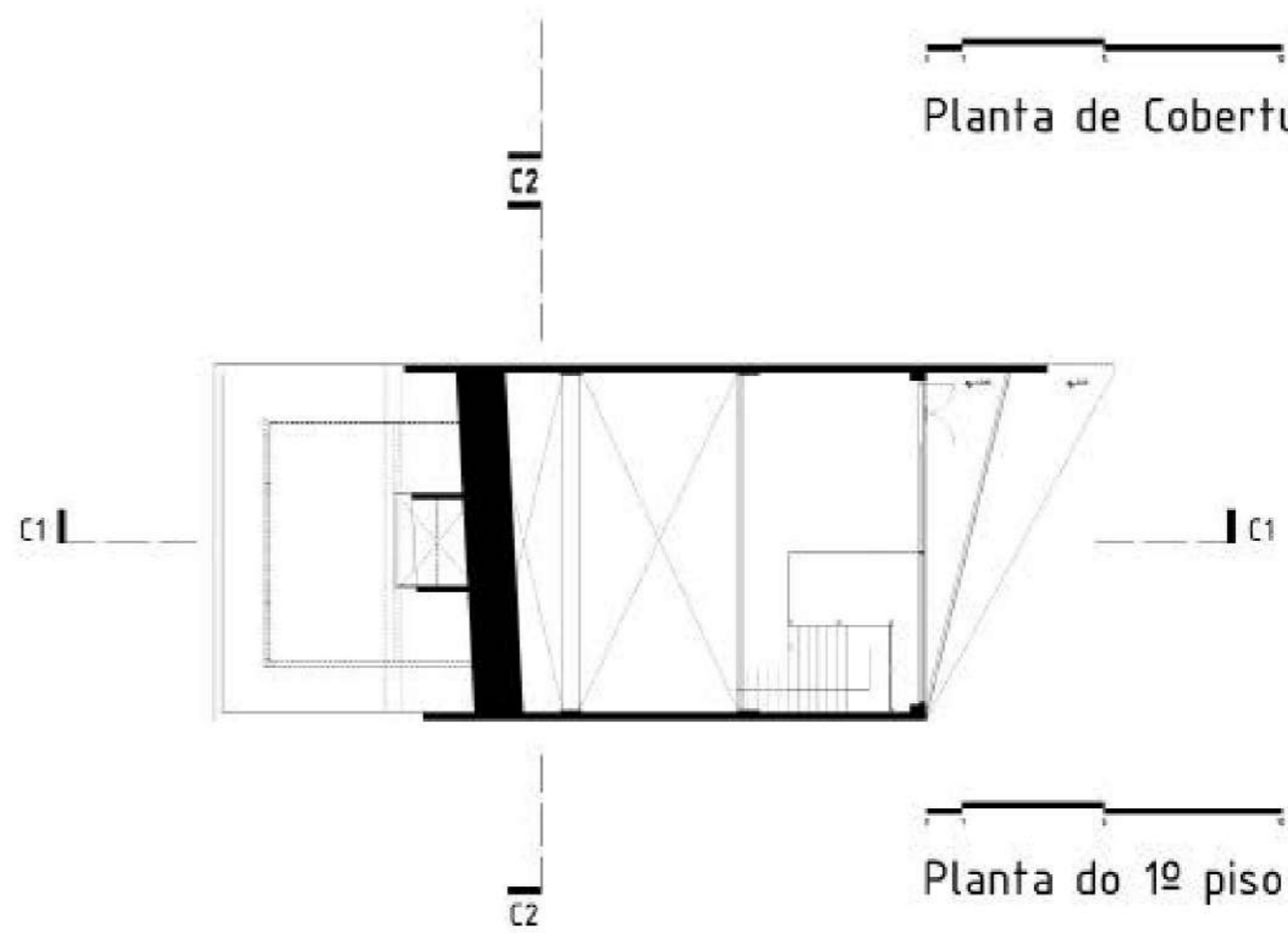
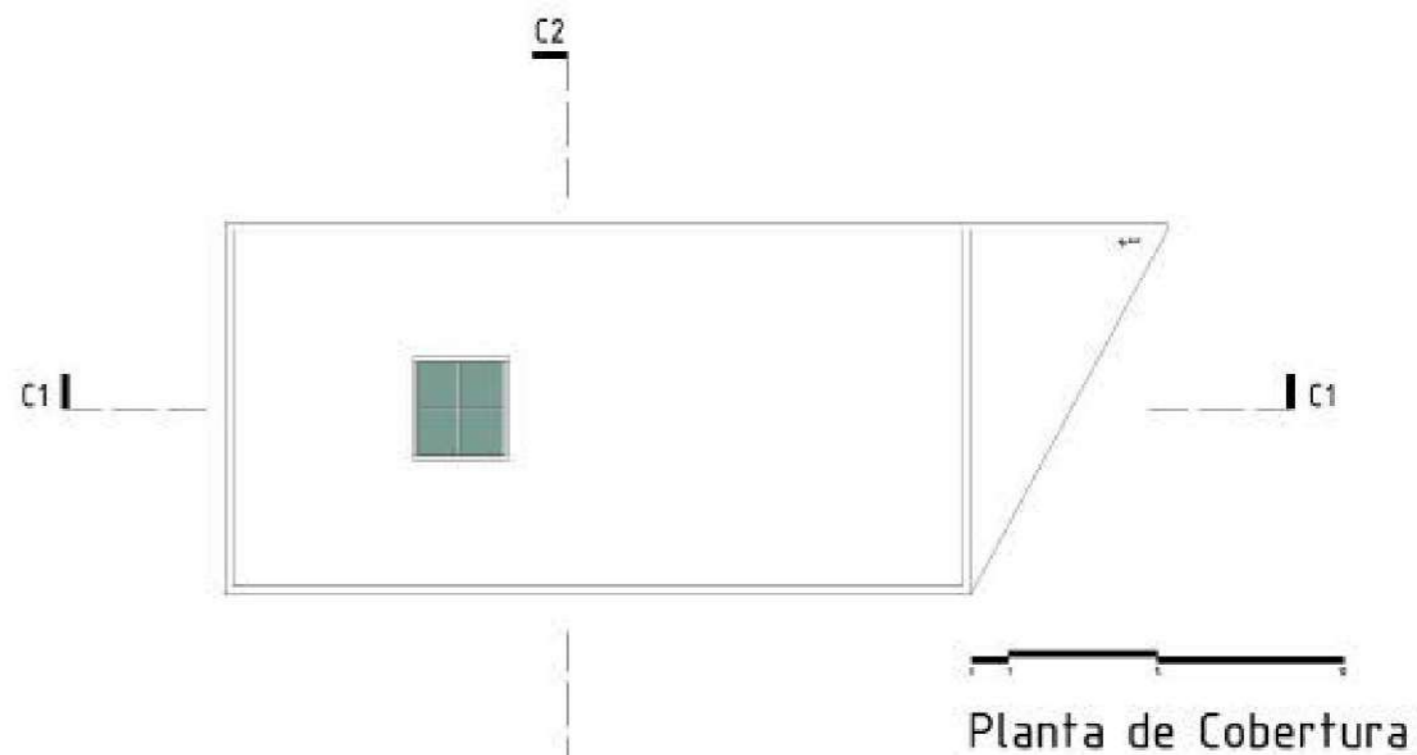
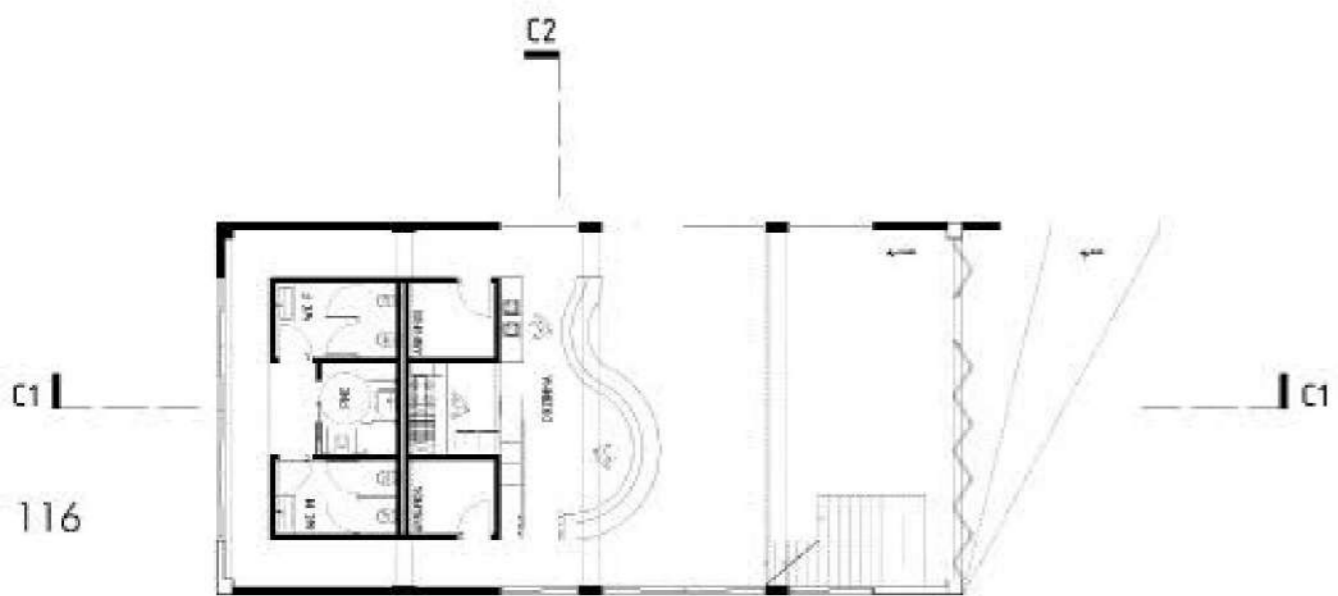


114

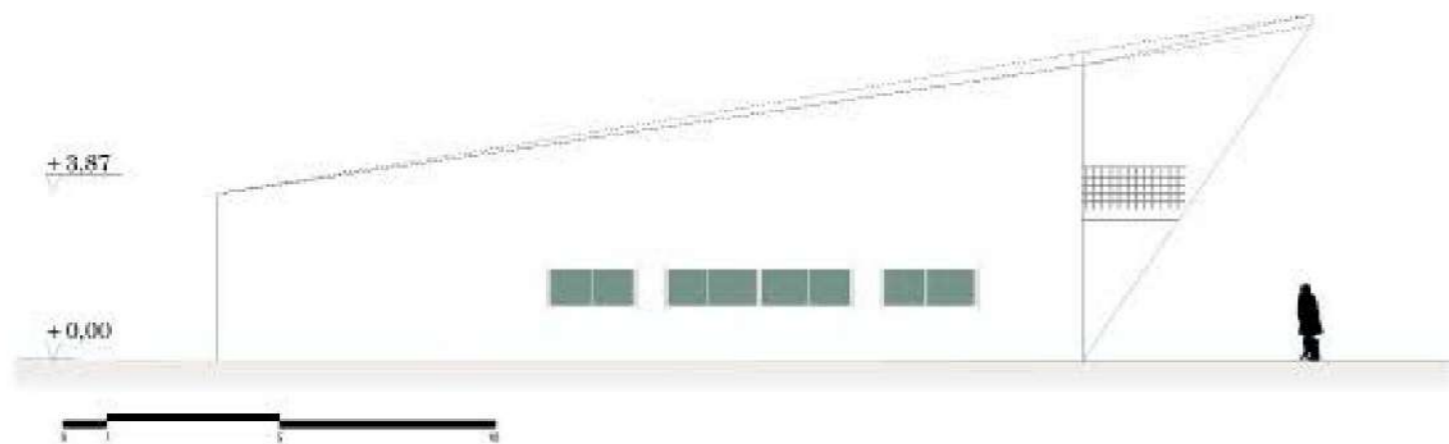
115

CENTRO COMUNITÁRIO

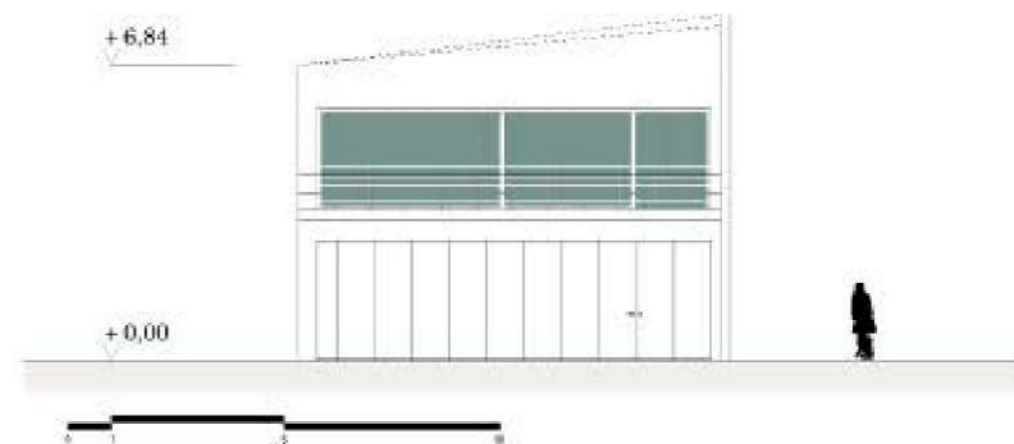
PLANTAS



ELEVAÇÕES

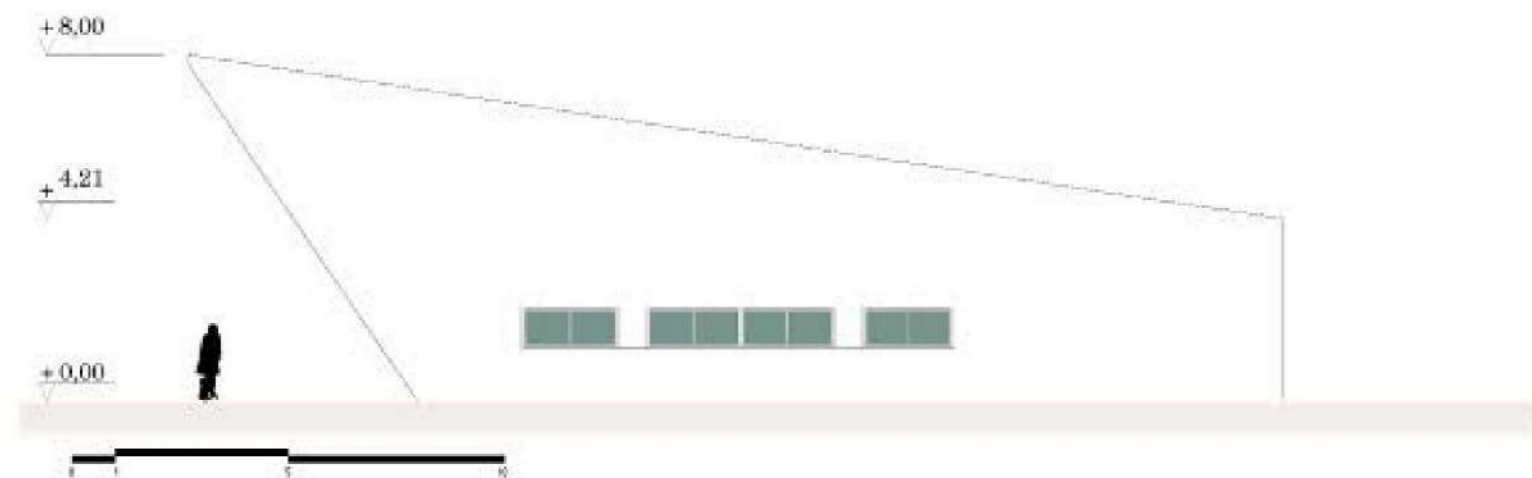


118 Alçado Direito

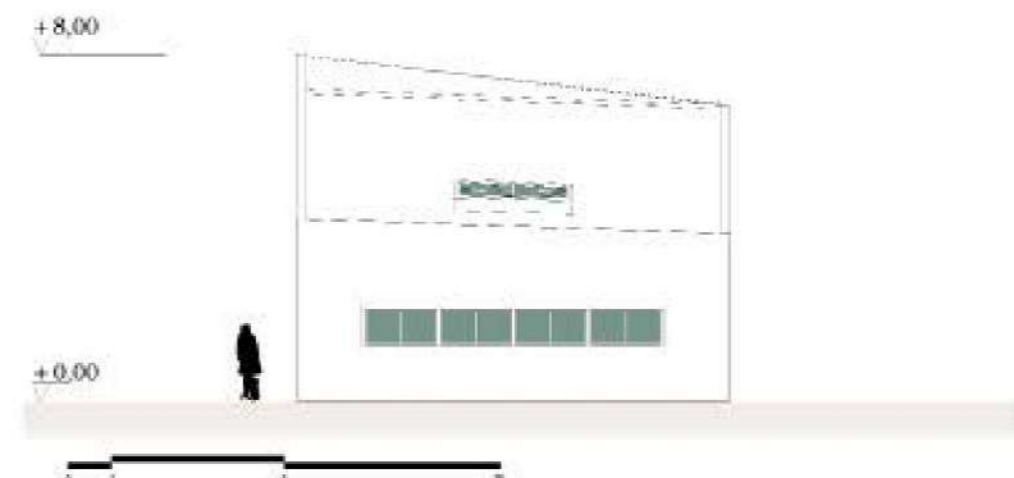


Alçado Frontal

119

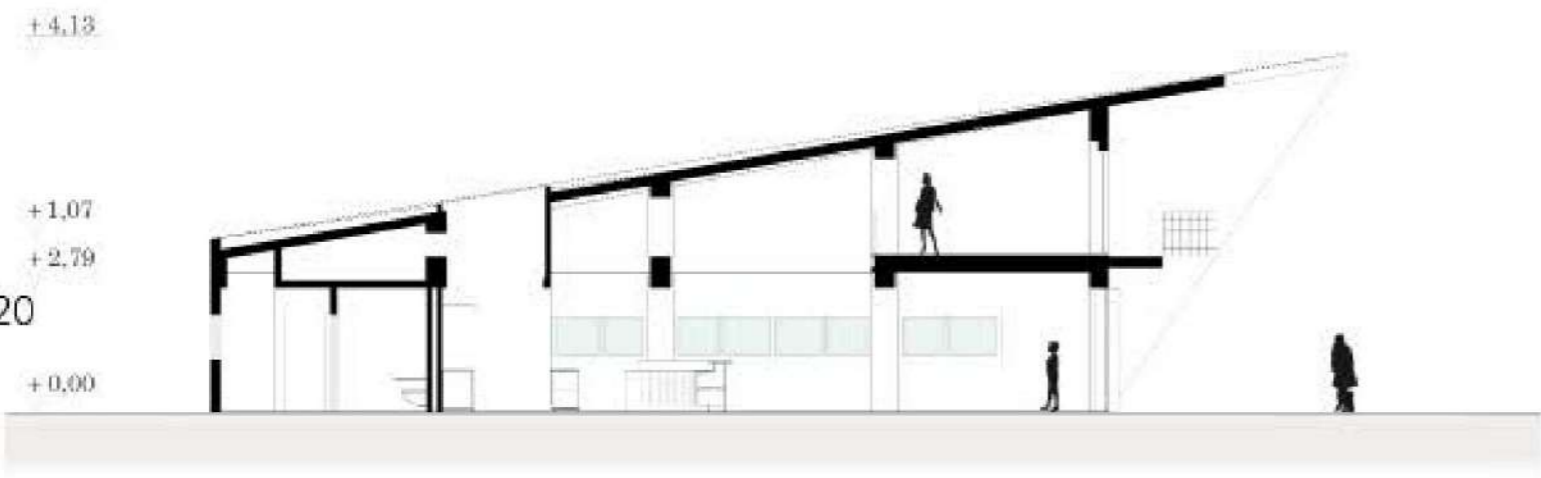


Alçado Esquerdo



Alçado Posterior

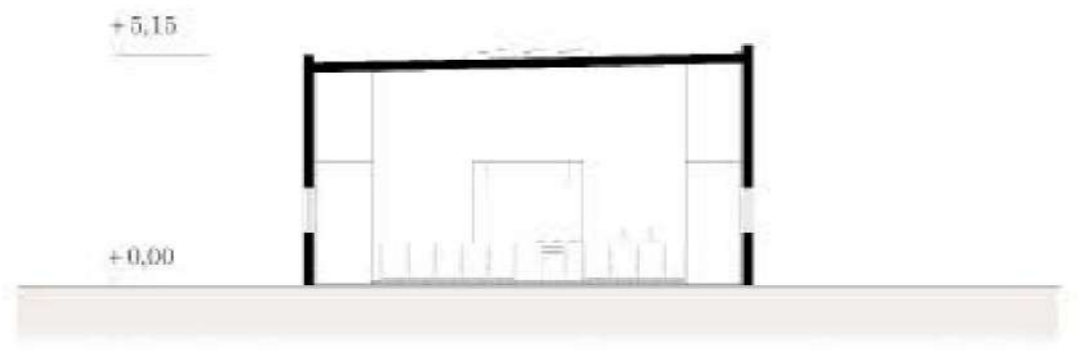
CORTES



120



Corte C1



121



Corte C2





124

125

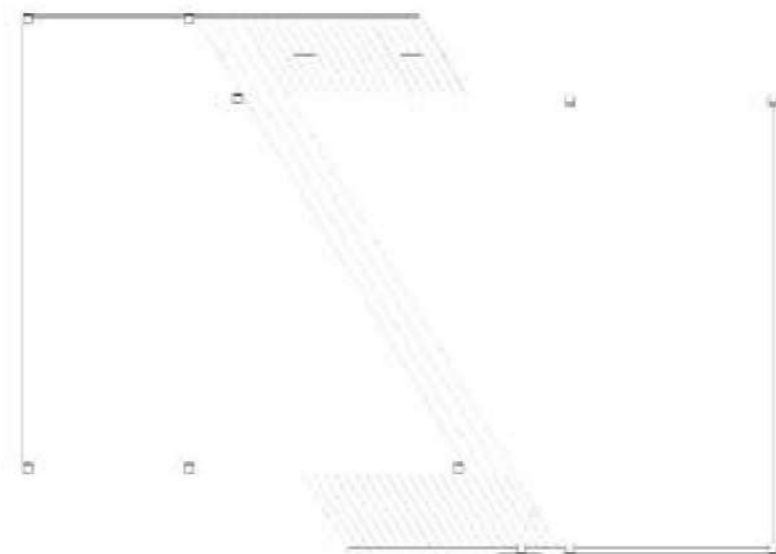
COBERTURA

PLANTAS

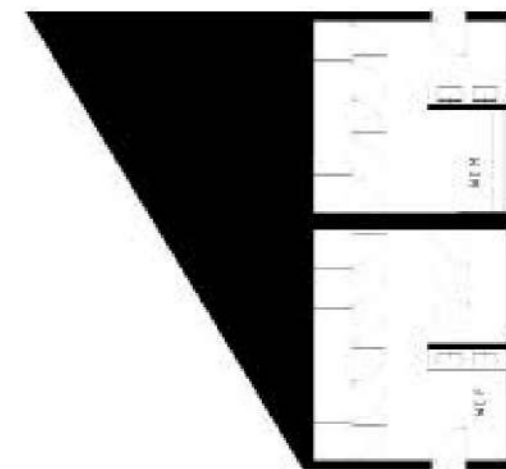
126



Planta de Cobertura



Planta do piso terreo

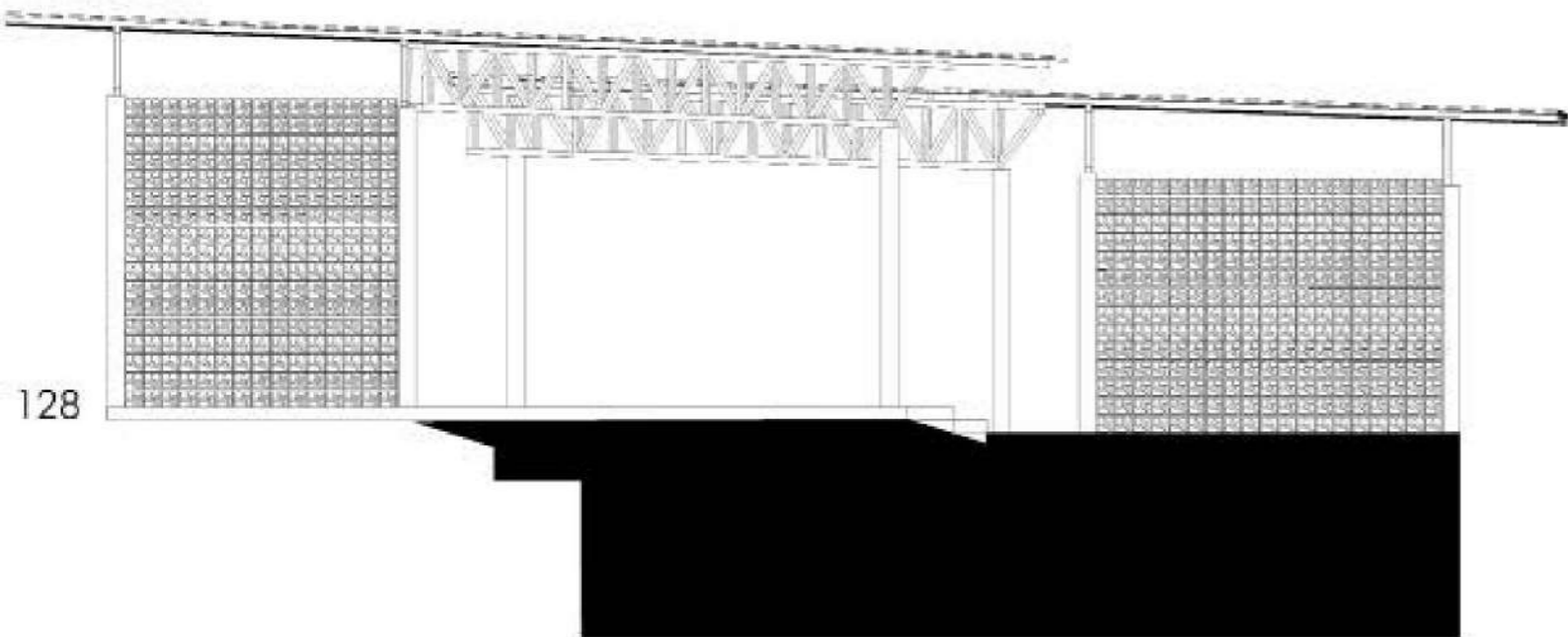


Planta do piso inferior

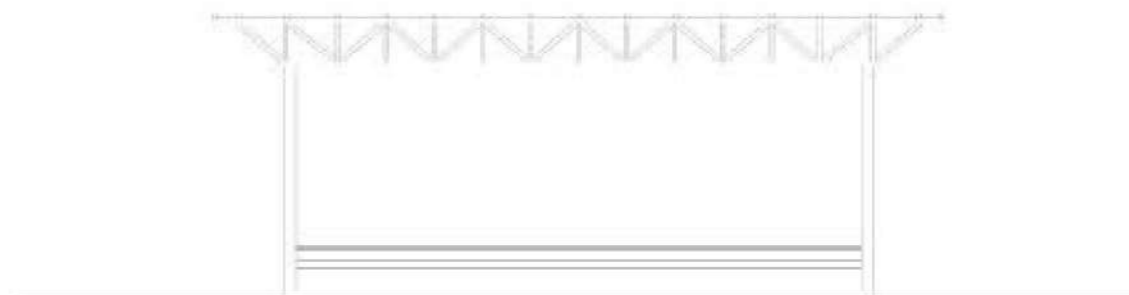
127



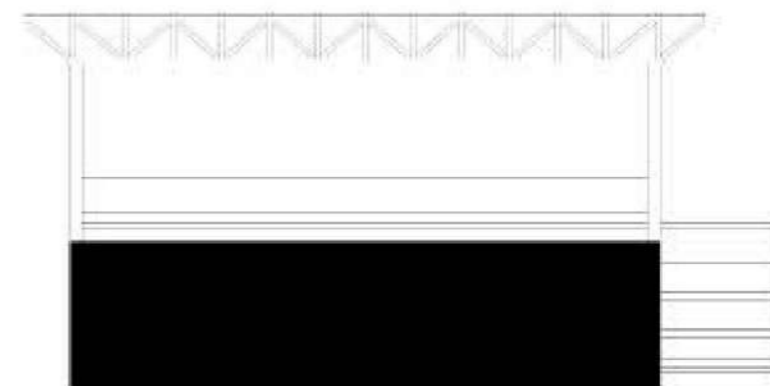
ELEVAÇÕES



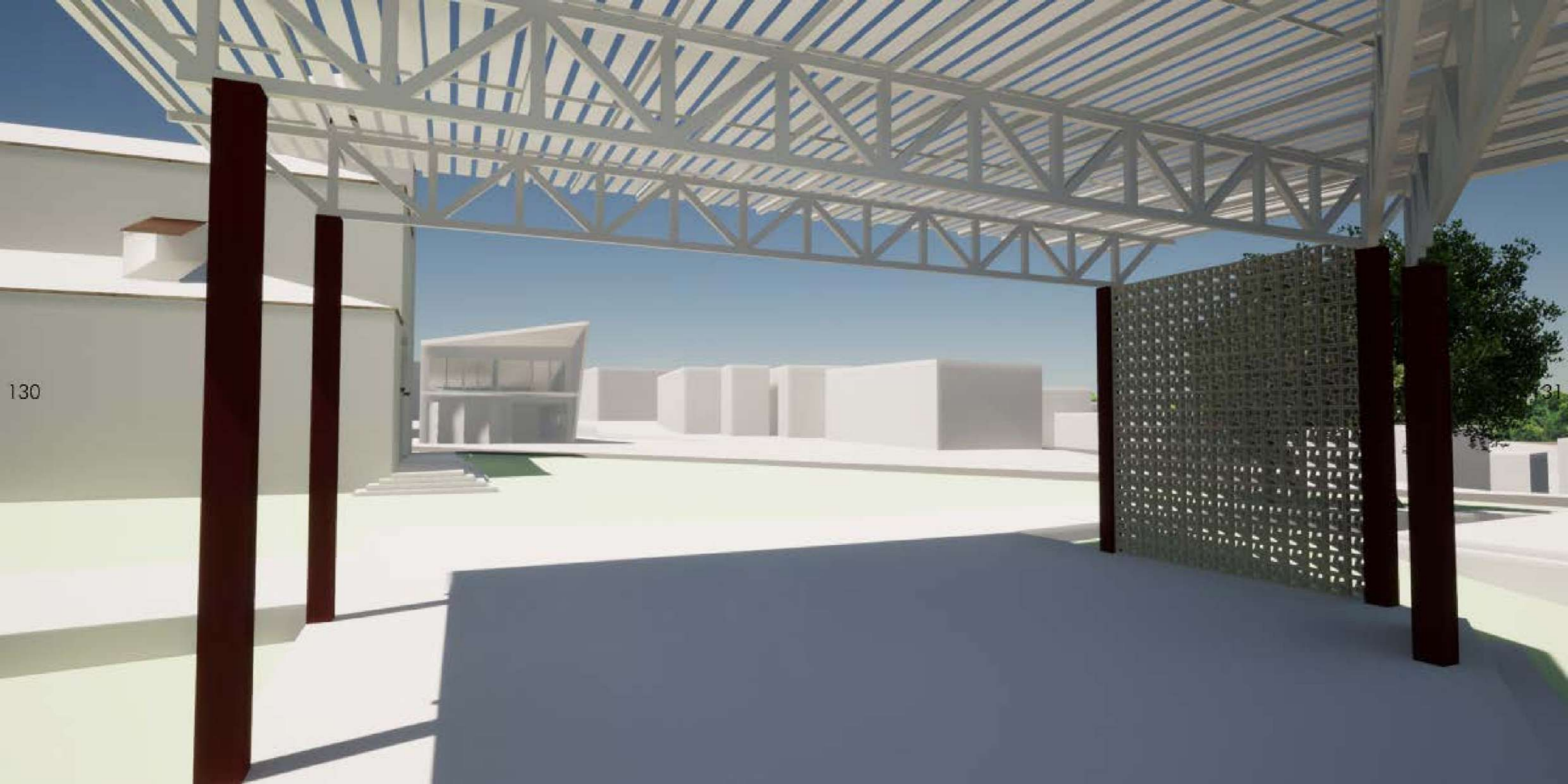
Alçado Direito



Alçado Frontal



Alçado Posterior



130

131

CORTE ESCADARIA



Corte C3

132

+1,72

+2,92

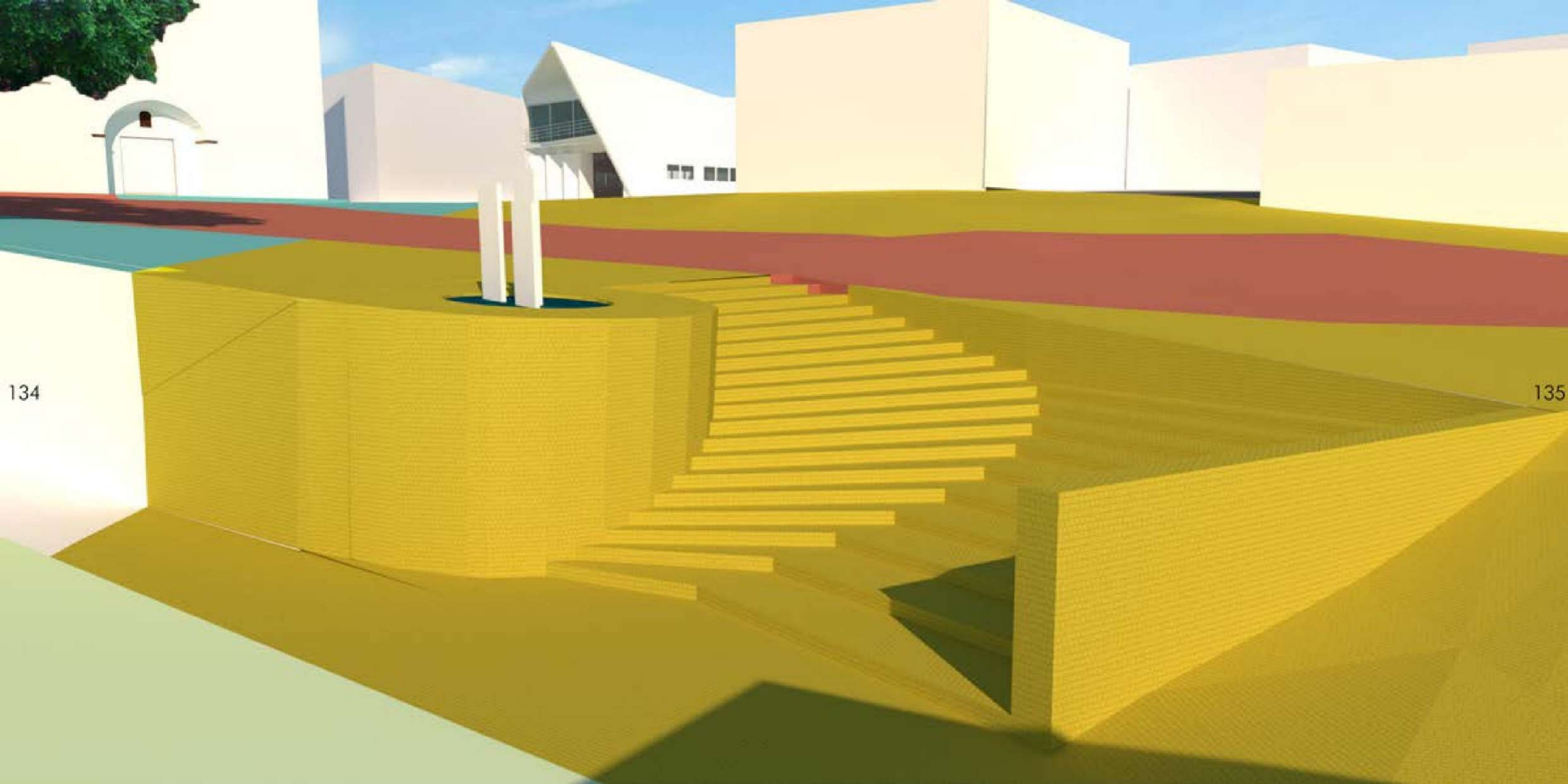
+8,62

Rua Santa Isabel

+0,00

133

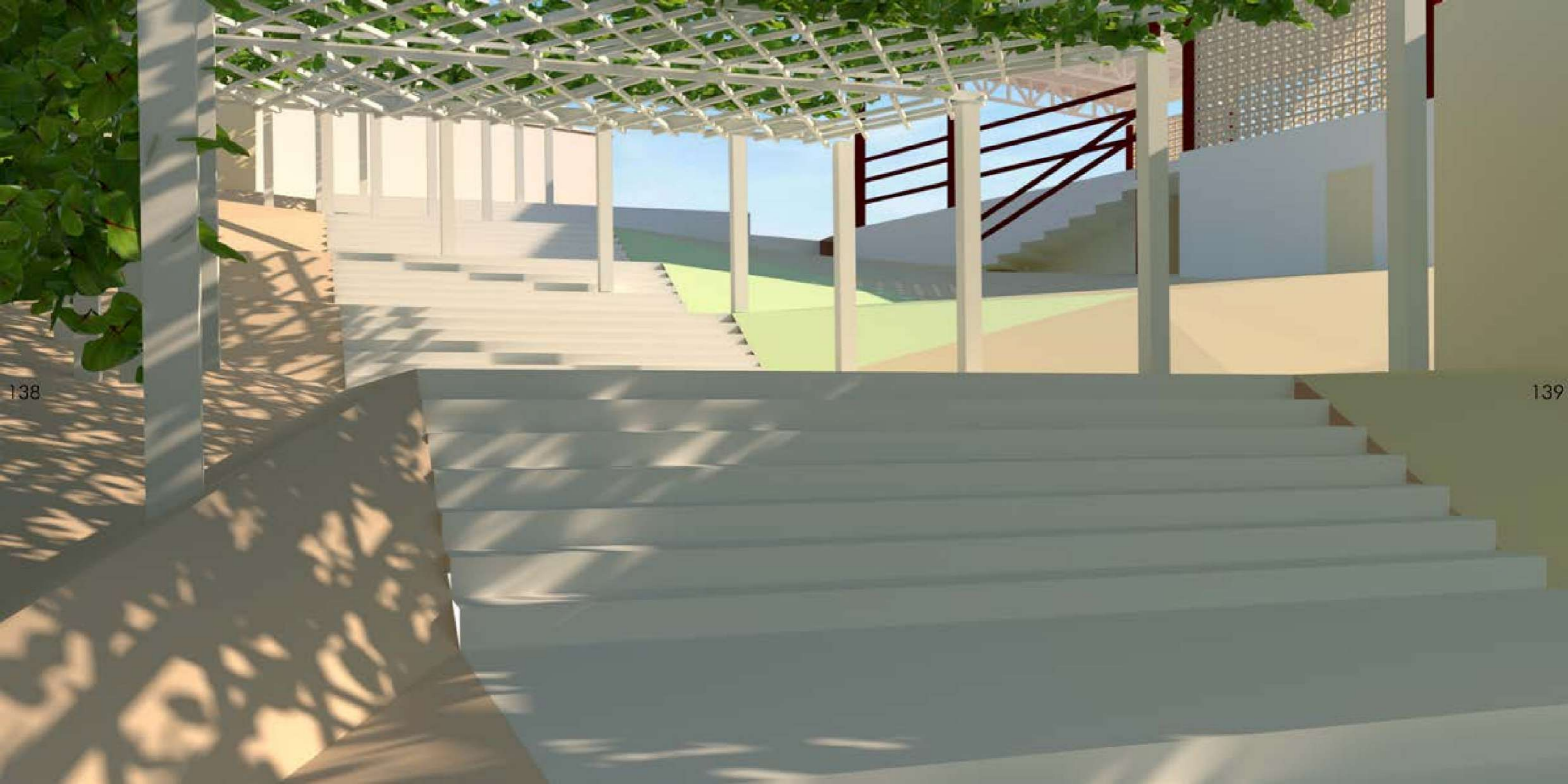




134

135







140

141

4. REFERÊNCIAS

CACHIONI, M.; GRIGOLETO, M. C. Identidade cultural dos trentino-tiroleses em Piracicaba-SP. IN: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO, III, 2014, São Paulo. Pg 1-10. Disponível em: <http://www.anparq.org.br/dvd-enanparq-3/htm/Artigos/SC/POSTER/SC-PCI-029_GRIGOLETO_CACHIONI.pdf>. Acesso em 04 jun 2021.

CORRER, André Bortolazzo. Identidade tirolesa em Santa Olímpia (Piracicaba/SP): festas, tradições e memória. 2014. 212 f. Dissertação (mestrado) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100135/tde-22042014-190812/publico/DissertacaoAndreBortolazzoCorrer2014.pdf>> Acesso em: 20 mai 2021.

CAMARGO, F. M. Santa Olímpia e suas relações com a cidade de Piracicaba: memória e cotidiano de um bairro tirolês. *Iluminuras*, Porto Alegre, v. 14, n. 34, p. 104-124, ago./dez. 2010.

COSTA, L. C. N.; SERRES, J. C. P. Memória, identidade e paisagem cultural: interfaces na constituição do patrimônio brasileiro. *Revista Patrimônio e Memória*, São Paulo, v.12, n.1, p. 158-178, jan/jun. 2016.

IEPHA-MG. Inventário cultural do Rio São Francisco. *Cadernos do patrimônio*, Belo Horizonte, 115 p., 2015.

NASCIMENTO, F. B.; SCIFONI, S. O tombamento de Iguape como patrimônio nacional: novas práticas e políticas de patrimônio nacional. *PARC Pesquisa em Arquitetura e Construção*, Campinas, v. 6, n. 1, p. 26-38, jan/mar. 2015.

Instituto de Pesquisas e Estudos Florestais. Atlas Rural de Piracicaba. Piracicaba: IPEF, 2006. 76 p. Disponível em: <<http://www.ipplap.com.br/docs/Atlas%20Rural%20de%20Piracicaba%202004.pdf>> Acesso em: 20 mai 2021.

Instituto de Pesquisa e Planejamento de Piracicaba. Zonas de Zeladoria do Patrimônio Cultural. Piracicaba: Ipplap, 2013. 108 p. Disponível em: <<http://ipplap.com.br/site/wp-content/uploads/2014/05/CADUS-03-zeladoria.pdf>> Acesso em: 04 jun 2021.

Instituto de Pesquisa e Planejamento de Piracicaba. Cartilha - Plano Diretor de Desenvolvimento de Piracicaba - Lei Complementar Nº 405/2019. Piracicaba: Ipplap, 2019. 26 p. Disponível em: <<http://ipplap.com.br/site/wp-content/uploads/2020/09/Cartilha-PLANO-DIRETOR-PIRACICABA-LC-405-19-1.pdf>> Acesso em: 19 jun 2021.

Instituto de Pesquisa e Planejamento de Piracicaba. Revisão de Plano Diretor de Desenvolvimento de Piracicaba. Piracicaba: Ipplap, 2019. 60 p. Disponível em: <<http://planodiretor.piracicaba.sp.gov.br/wp-content/uploads/2021/02/Leitura-Tecnica-Reviss%C3%A3o-do-Plano-Diretor.pdf>> Acesso em: 20 mai 2021.

PEREIRA, D. C. A chancela da Paisagem Cultural Brasileira: 10 anos de caminhos e descaminhos de uma política de cultura com compromisso social. *Revista Memória em rede*, Pelotas, v.12, n.22, jan/jun. 2020

SANTA OLÍMPIA. Disponível em: <www.santa-olimpica.com.br> Acesso em 01 jun 2021.